



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA**

YÊDA MARIA DE SOUSA CARVALHO

**O CINEMA VAI À ESCOLA — UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: NA ESCOLA
(CEAI) DR. JOÃO PEREIRA DE ASSIS**

Campina Grande PB

Outubro 2014

YÊDA MARIA DE SOUSA CARVALHO

**O CINEMA VAI À ESCOLA — UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: NA ESCOLA
(CEAI) DR. JOÃO PEREIRA DE ASSIS**

Monografia apresentada ao curso de licenciatura plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciatura em Pedagogia.

Orientadora: Prof^ª Ms. Senyra Martins Cavalcanti.

Campina Grande PB

Outubro 2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

C331c Carvalho, Yêda Maria de Sousa
O cinema vai à escola [manuscrito] : um relato de experiência na Escola (CEAI) Dr. João Pereira de Assis / Yeda Maria de Sousa Carvalho. - 2014.
55 p. : il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.
"Orientação: Profa. Ma. Senyra Martins Cavalcanti, Departamento de Pedagogia".

1. Cinema 2. Recurso Pedagógico 3. Ensino Fundamental I.
Título.

21. ed. CDD 371.33

**O CINEMA VAI À ESCOLA — UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: NA
ESCOLA (CEAI) DR. JOÃO PEREIRA DE ASSIS**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao curso de Graduação de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de licenciatura em pedagogia.

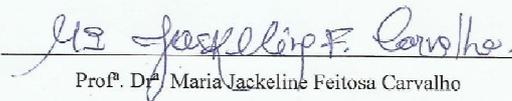
Aprovado em: 09, 10, 2014

Banca Examinadora



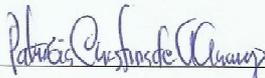
Prof.^a Ms. Senyra Martins Cavalcanti

Orientadora



Prof.^a Dr.^a Maria Jackeline Feitosa Carvalho

Examinadora



Prof.^a Dr.^a Patrícia Cristina Aragão Araújo

Examinadora

Dedico a Deus acima de tudo, à minha família,
aos meus filhos, que são meu porto seguro e me
apoiam sempre que necessário, e, especialmente
aos meus quatro amores, S. M. D. S.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus, minha família, meus filhos e Cid, meu companheiro, pelo apoio dado durante o curso de Pedagogia, bem como nos mais variados aspectos da minha vida, inclusive na realização do trabalho de conclusão do curso.

Agradeço à professora M.A por ter se colocado à disposição, no período em que nos foi necessário explorar sua sala de aula.

Agradeço à professora Dr^a. Maria Jackeline Feitosa Carvalho, por aceitar participar da banca e por ter dedicado um tempo à minha pesquisa. Agradeço também pela amizade e carinho que tem não só para comigo, mas para com todas as alunas da turma. Obrigada pelo ser humano que é.

Agradeço à professora Dr^a. Patrícia Cristina Aragão Araújo, por aceitar participar da minha banca. Muito obrigada!

Agradeço especialmente à minha orientadora Ms. Senyra Martins Cavalcanti, uma excelente profissional, ética, um exemplo a ser seguido, que me ensinou tudo que sei sobre cinema e que, com sua educação e dedicação, ajudou a conduzir este trabalho. Agradeço por sua amizade para com as monitoras, por sua paciência em apontar os erros deste trabalho. Obrigada por aceitar ser minha orientadora.

Agradeço aos professores e professoras pelo carinho e dedicação nesses quatro anos de graduação, agradeço por terem contribuído para a minha formação, transmitindo conhecimentos e experiência que levarei para o resto da vida.

Agradeço a todas as amigas de classe, pelos quatro anos de convivência, pela amizade, pelas agonias, pelos seminários, pelo aprendizado, viagens, enfim tudo que passamos nesses quatro anos. Obrigada a todas vocês.

. RESUMO

Conhecendo a importância do cinema para a educação, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), aborda o uso do cinema na sala de aula, sua relação com a educação escolar e a importância da professora como mediadora. Ao mesmo tempo, reconhece que o problema desta pesquisa salienta a figura da professora, bem como sua interação com a linguagem cinematográfica. Construiu-se tal pesquisa a partir da observação e acompanhamento durante a Assessoria prestada por nós para o uso de cinema na sala de aula na Escola (CEAI) Dr. João Pereira de Assis, na cidade de Campina Grande-PB, a partir da ideia de como o cinema é visto e utilizado pela professora (sujeito pesquisado) no contexto de suas aulas. Centrados neste objetivo, identificamos os conceitos pertinentes ao tema e optamos pelo relato etnográfico — utilizando como referências as obras de Guedim e Franco (2008) e Mattos (2011) —, no qual os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados. Para nossa discussão, adotamos como referencial teórico, autores que dissertam sobre o uso de filmes nas escolas, tais como: Duarte (2002 e 2009) e Napolitano (2003, 2009 e 2013) e cinema animado Fischer (2002). Os temas sobre pesquisa-ação e extensão foram embasados respectivamente em Thiollent (2006) e Kemmis (2002) e Carbonari (2006). Dentre as conclusões, apontamos que a professora (sujeito pesquisado) modificou sua visão com relação ao uso de filmes em sala de aula e conseguiu relacionar o cinema à educação na referida escola em que trabalha, modificando a videofilia de seus alunos. De espectadora à mediadora, a professora levou ao cotidiano escolar o uso de filmes (cinema), fazendo dele um instrumento essencial para suas aulas.

Palavras-chave: Ensino fundamental, cinema, educação.

ABSTRACT

Aware of the importance of cinema for education, this course completion assignment, discusses the use of films in the classroom, their relationship with the school and the importance of the teacher as a mediator. At the same time, it acknowledges that the problem of this research emphasizes the teacher's role and the way he or she deals with cinematic language. This research came about from the observation and monitoring during the advising provided by us concerning the use of films in the classroom at (CEAI) Dr. João Pereira de Assis school, in Campina Grande, in the state of Paraíba, inspired by the idea of what the teachers' view of cinema is and how it is used by them (our researched subject) in the context of their classes. Focused on this goal, we identified the relevant concepts to the topic and we chose the ethnographic research — using as a reference the works by Guedin and Franco (2008) and by Mattos (2011) —, in which researchers aim at playing an active role in the observed facts' reality itself. For our discussion, we have adopted as a theoretical reference authors who discuss the use of films in schools, such as: Duarte (2002 and 2009) and Napolitano (2003, 2009 and 2013), as well as Fischer (2002), concerning animations. The subjects respecting action research and extension were based, respectively, on Thiollent (2006) and Kemmis (2002) and on Carbonari (2006). Among our conclusions, we point out that the teacher (our researched subject) changed her mind about using films in the classroom and learned how to properly associate films with education at the school where she works so as to turn her students into videophiles. From being a film viewer to becoming a mediator, the teacher introduced the use of films in her school's routine, making them an essential tool in her classrooms.

Keywords: Primary school, cinema, education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Ministrando a oficina	35
Figura 2	Professoras participando das oficinas-aulas	37
Figura 3	Ministrando a oficina	39
Figura 4	Professoras assistindo às oficinas-aulas	41
Figura 5	Fachada da escola CEAI	43
Figura 6	Fachada da escola CEAI	44
Figura 7	Assessorando a professora para a realização de sua oficina-aula, tema: “Meio ambiente e saúde”.....	46
Figura 8	Professora explicando o conteúdo antes da exibição do filme	47
Figura 9	Alunos na sala de aula, estudando o conteúdo, antes da exibição do filme....	48

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	CAPÍTULO 1: REVISÃO DE LITERATURA	13
2.1	O cinema na escola: limites e possibilidades	16
2.2	A escala local: o uso do cinema como recurso didático-pedagógico	20
3	CAPÍTULO 2: METODOLOGIA	23
3.1	Conceito e aplicação da etnografia na educação	27
3.2	A etnografia e o cinema: um diálogo a partir da escola	29
3.3	O cinema no espaço escolar e o lugar do professor	30
4	CAPÍTULO 3: CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA	32
5	CAPÍTULO 4: O TRABALHO DE CAMPO	34
6	CAPÍTULO 5: PERCEPÇÕES E AVALIAÇÕES	49
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	51
	REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

A monografia de conclusão de curso tem como tema “A importância do uso do cinema na sala de aula”, o qual foi elaborado a partir das atividades do Projeto de Extensão “O Cinema na Sala de Aula: assessoria e capacitação para o uso didático pedagógico de filmes nas escolas públicas do ensino fundamental de Campina Grande-PB”. Nesta monografia, optamos por fazer um relato de experiência com base nas atividades do projeto de extensão (oficinas) e na assessoria à professora M.A, tendo em vista que a extensão se relaciona à pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre os sujeitos. Sendo assim, em toda ação de extensão, houve um vínculo entre o processo de formação de pessoas e de geração de conhecimento, tendo o professor como protagonista de sua formação, assumindo uma visão transformadora e um compromisso.

O nosso interesse no presente Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi relacionar o uso de imagens (filmes) com a educação na Escola Municipal (CEAI) Dr. João Pereira de Assis, a partir da assessoria tomando a professora M.A como estudo desta situação. O objetivo geral do trabalho foi analisar como o cinema está sendo visto e utilizado nesta escola, a partir da assessoria prestada à referida professora como monitora deste projeto, bem como compreender, através da leitura de textos, a relação da cultura cinematográfica com a cultura escolar dessa Instituição, observando as práticas que vêm sendo adotadas sobre o uso do cinema por essa professora em sua sala de aula.

Para atingir os objetivos propostos, realizamos um relato etnográfico utilizando como método a extensão e o relato de experiência. Para tanto, consideramos os sujeitos, pesquisador e pesquisado, destacando sua importância. No contexto etnográfico, o domínio da descoberta e o da verificação vão sendo realizados simultaneamente, promovendo a auto definição da dinâmica da pesquisa. À medida que se coletam dados, faz-se uma interpretação, até que o pesquisador consiga o máximo de variação possível dentro do conteúdo estudado.

Por sua vez, a opção pela escolha da instituição de ensino a ser pesquisada partiu do contato que tivemos com a professora e a gestora durante as oficinas promovidas pelo projeto de extensão, quando ambas foram assessoradas para o uso do cinema em sala de aula, sendo que o problema desta pesquisa concentra-se na figura da professora e na sua interação com a cultura cinematográfica. A professora M.A passou a ser o objeto de pesquisa a partir do momento em que atuou como espectadora dentro do Projeto de Extensão, no qual contribuiu com questionamentos e observações pertinentes quanto ao uso da imagem (filme) em sua sala de aula.

A pesquisa foi dividida em etapas. A primeira delas aconteceu durante a aplicação das oficinas, o que ocorreu do dia 24 de março a 07 de abril de 2014. Como base teórica as oficinas tiveram os *Parâmetros curriculares nacionais (PCNs)* que tratam dos Temas Transversais, “ética e cidadania, diversidade cultural, orientação sexual, saúde e meio ambiente e saúde,” em que o sujeito pesquisador atua como ministrante e observador, e o sujeito pesquisado neste caso, a professora encontra-se na qualidade de ouvinte (aluna). A segunda etapa aconteceu na Escola (CEAI) Dr. João Pereira de Assis, na assessoria à professora M.A (sujeito pesquisado) no período de abril a julho de 2014. Durante essa etapa, atuamos como assessora e observadora.

Sendo assim, esta monografia está dividida em capítulos: Introdução, Capítulo 1, revisão de literatura; Capítulo 2, metodologia; Capítulo 3, caracterização da escola; Capítulo 4 o trabalho de campo; Capítulo 5, percepções e avaliações; considerações finais e referências. Buscamos, deste modo, abranger os conceitos necessários para o entendimento dos aspectos que envolvem essa pesquisa etnográfica.

A partir da leitura de textos de autores que falam do cinema no contexto histórico e de educação, fomos associando a teoria à prática de modo objetivo. A teoria nesta pesquisa é refeita e atualizada por meio da reflexão, alterando assim a prática. Contudo, a prática deve ser vista como a fonte da teoria, sendo analisada como objeto de conhecimento, interpretação e transformação.

A teoria “relação cinema e educação,” foi fundamentada em autores que dissertam sobre cinema, como, Duarte (2002) e (2009) e Napolitano (2003) (2009) e (2013), cinema animado Fischer (2002), pesquisa-ação Thiollent (1996) e Kemmis (2002), etnografia Ghedin & Franco (2008) e Mattos (2011) e extensão Carbonari (2011), enquanto a prática teve por base essa teoria, bem como a prática através do relato etnográfico, uma vez que este assumiu o papel de servir de instrumento de mudança social, tendo-se em vista que, dentro da pesquisa, o professor não deve ser um observador objetivo, uma vez que é do seu interesse tanto o conhecimento prático quanto o teórico.

No entendimento dos teóricos estudados, a academia deve proporcionar a interlocução entre professor e pesquisador, criando aspectos e ambientes em que possam gerar e compartilhar conhecimentos, ter contato com realidades diferentes e ampliar a compreensão do processo educativo e formativo, pois, para que a pesquisa se concretize na formação do professor, é necessário reforçar o diálogo entre a formação dos professores nas escolas e a formação acadêmica, valorizando a pesquisa produzida no interior das escolas.

Por fim, cumpre destacar que não há prática sem um embasamento teórico. Sem a teoria não teríamos fundamento para realizar esta pesquisa, assim como, sem a prática, ela também estaria inviabilizada. Assim, desde o momento da elaboração das oficinas até o serviço de assessoria à professora M.A, fomos nos aprofundando nos conhecimentos teóricos acerca da relação cinema e escola, de maneira que, sempre partindo desses conhecimentos, realizamos a prática.

Estamos numa época em que interpretar imagens é fundamental para o processo de aprendizagem, pois as imagens falam por si só e estão representadas nas falas, nas roupas e nas brincadeiras das crianças. Elas assistem aos filmes em casa e interagem com os personagens, portanto, ensinar-lhes a interpretá-las é uma tarefa para qualquer educador atual, tendo em vista que o currículo pronto não atende às necessidades dos alunos. O foco mais importante para a pesquisa é o currículo, pois este é o meio através do qual o conhecimento é transmitido nas escolas.

Tendo em vista que o atual modelo de educação necessita desse olhar para a linguagem cinematográfica. Este trabalho traz para a educação algo novo, pois está baseado na curiosidade e no desejo de compreender como o cinema está sendo utilizado na sala de aula e como a professora M. A. relaciona o uso dessas imagens ao conteúdo de suas aulas. A partir dos encontros de formação e das atividades realizadas, da estreita relação entre pesquisador e pesquisado, foi ocorrendo uma tomada de consciência por parte dos sujeitos de todas as transformações que ocorrem em si próprios e no processo. Assim, a partir das discussões em torno da inserção da pesquisa “Cinema em sala de aula”, da reflexão sobre a prática e da definição dos papéis do pesquisador e do pesquisado, contribui-se para a melhoria da qualidade de ensino.

2 CAPÍTULO 1: REVISÃO DA LITERATURA

Inicialmente, é interessante destacar que o cinema surgiu na passagem do século XIX para o século XX. Antes, educava-se por meio de artes como música e dança, pintura e escultura, literatura e teatro, dentre outras formas de educar.¹

A história do cinema, quando comparada à de outras artes, é recente. Surgiu com a invenção da fotografia no século XIX, quando os irmãos Lumière conseguiram projetar imagens ampliadas numa tela, sendo que a primeira exibição aconteceu em 28 de dezembro de 1895, no Salão Indiano do Gran Café, no Boulevard des Capucines, em Paris, quando 33 espectadores puderam assistir às primeiras projeções de filmes realizadas pelos inventores do cinematógrafo.

O Brasil conheceu o cinematógrafo em 1896, e, em 1898, já dava os primeiros passos no sentido de ter sua própria cinematografia. Em 1908 e 1911, surgiram os primeiros curtas-metragens de atualidades, vistas e paisagens, e longas-metragens de ficção. Durante toda a sua história, ou seja, ao longo dos seus mais de cem anos, a gramática cinematográfica criou uma linguagem rica. Hoje, possui uma articulação de códigos e elementos distintos.

O desenho animado, por sua vez, foi criado muito antes do cinema, ou seja, teve sua origem na França, quando Émile Reynaud propôs a primeira versão no final do século XIX.² *O gato Félix* e a Disney, com o famoso Mickey, são exemplos de trabalhos pioneiros. Ao longo dos anos, novos desenhos foram surgindo, com propostas de lazer, apresentando em sua fórmula contextos do cotidiano da época em que foram produzidos. Hoje se sabe, no entanto, que essas obras têm uma proposta que vai além do mero entretenimento. Duarte (2009), por exemplo, acredita que essas animações constituem a forma de arte que melhor conseguiu, até agora, representar o ponto de vista da criança, uma vez que reflete a imaginação e a fantasia. Dessa perspectiva, tais obras constituem um recurso atrativo, que pode levar a criança a desenvolver suas habilidades. A imagem em movimento, as cores, a música, os personagens; enfim, tudo serve para aguçar o imaginário, possibilitando o sonho, a criatividade e a emoção.

¹ O cinema é a sétima arte, como definido pelo crítico italiano Ricciotto Canudo, em um artigo de 1911. Como tal, ele compõe um conjunto complexo de sugestões temáticas, que podem ser apropriadas para uma reflexão crítica, bem como reflete e representa uma totalidade social concreta. O cinema não explica, apenas sugere; daí, a sua grande relevância.

² Depois, em 1908, surgiu a primeira animação, *Fantasmagorie*, que foi desenvolvida pelo Francês Emile Cohl. Somente em 1910, surgiu o primeiro desenho animado, mudo e sem cores, destinado ao público adulto. Em 1917, surgiram os primeiros desenhos animados destinados ao público infantil.

Para Fischer (2002), existe uma subjetividade que condiciona as crianças por meio dos desenhos animados. Por isso, é necessário observar os seus conteúdos, antes de propor uma aula com este recurso. Acreditamos que, nos desenhos animados, a representação semiótica é relativa ao aprendizado, ou seja, tudo o que aprendemos está condicionado às imagens e às linguagens no geral. Fischer (2002) também vê os desenhos animados como “dispositivos pedagógicos”, pois, à medida que oferecem elementos de referência para a constituição sociocultural dos alunos, participa de suas aprendizagens. Nesse sentido, esses elementos são incorporados pelas crianças em suas brincadeiras, quando tomam para si algo imaginário, desenvolvendo a criatividade. Depois de assistir ao filme, na interação com outras crianças, atribuem significados às suas vivências; a partir da vivência, constroem seus conhecimentos sociais e culturais; em seguida, criam suas hipóteses e, por fim, aprendem.

Na contemporaneidade, o desenho animado faz parte do processo de escolarização das crianças. Portanto, a escola não pode deixar de fazer esse diálogo, favorecendo uma relação ativa e criativa dos sujeitos (professor[a] aluno[a]), em relação ao cinema animado. Ou seja, a escola tem que elaborar um plano de aula em que o cinema esteja inserido como uma das ferramentas para se trabalhar os temas (conteúdos das disciplinas). Dentro desse contexto, tudo deve ser analisado e refletido, em função de propor ao professor que assuma o papel de mediador, utilizando-o como recurso pedagógico em sua prática educacional. Para tanto, é preciso uma reflexão a respeito do conteúdo narrativo desses desenhos, porque as imagens veiculadas na sala de aula tanto podem favorecer o ensino como também criar estereótipos na mente dos alunos. Nessa dimensão, o educador precisa incentivar a mudança, a reflexão e a criatividade, assumindo o papel de interlocutor entre aluno e imagem.

As animações cinematográficas, em sua notável maioria, remetem a conteúdos do tipo herói/bandido, bem/mal, ação/aventura, bonito/feio etc., e têm a finalidade de entreter. Porém, no contexto de formação, constituem um referencial em que as crianças podem aprender por contraste, fazendo comparações, imitando e dialogando. Apresentam características que as crianças tendem a apreciar, o que as estimula a interagir com o conteúdo, oferecendo assim oportunidades de trabalharem com variados temas de forma lúdica, ao passo que essas obras criam ambientes atrativos de aprendizagem e despertam nas crianças o desejo de investigar, de ir além do aprender. Assim, cinema e desenho estão situados na proposta de educação há décadas, estimulando o aprendizado de forma atrativa e consciente, embora as escolas ainda os estejam descobrindo.

O cinema completou cem anos em 1995; portanto, já tem uma linguagem centenária. Ainda assim, desde seus primórdios, ele não tem sido pensado como um elemento educativo.

O cinema animado, especificamente, é um pouco mais antigo, mas, na educação, equipara-se aos demais gêneros do cinema, no sentido de que a escola ainda o está descobrindo. Vivemos numa era de imagens; portanto, interpretar esses códigos visuais é uma necessidade, porque o filme pode transpor fronteiras entre o imaginário de uma época, alargando essas fronteiras e nos aproximando de outros contextos. Ao mesmo tempo, não podemos nos esquecer de que o cinema também é uma indústria. Nesse sentido, “é produzido dentro de um projeto artístico, cultural e de mercado, um objeto de cultura para ser consumido dentro da liberdade maior ou menor do mercado” (ALMEIDA, 2001 *apud* NAPOLITANO, 2013, p. 11).

A semiologia clássica interpreta a imagem como um ícone, isto é, um signo que substitui a realidade; um objeto que reproduz ou imita algo, mesmo imaginário. As imagens são puros estímulos visuais (cor, movimento, ritmo), e, mesmo quando são reconhecíveis enquanto referências miméticas, o que importa nelas é a massa, a metamorfose das cores e texturas ao longo do tempo. Nesse sentido,

[u]ma montagem ágil, sincopada e rapidíssima faz as imagens dançarem no ritmo da música de tal forma que, a partir de certa velocidade de apresentação, o que conta não é mais o que se pode reconhecer como figura do mundo visível, mas as sugestões puramente icônicas das cores e formas (MACHADO 2000, p.179-180).

Isto se torna real, pois, a partir de um dado momento, o filme já está tomando outra forma e sentido, o nosso imaginário aguça os nossos sentidos, tornando-nos sonhadores e autores de nossas próprias histórias, transformando-nos, total ou parcialmente, de acordo com o modelo que escolhemos. Qualquer filme, histórico ou não, é um documento do momento em que foi produzido. De fato, mesmo que o interesse do pesquisador não seja a época da produção da obra, esse enfoque jamais deve ser abandonado, tanto em questões de ensino-aprendizagem de história, quanto de outros conteúdos como de pesquisas aplicadas. Observa-se assim que

[u]m filme é um produto cultural inscrito em um determinado contexto sócio histórico. Não poderiam ser isolados dos outros setores de atividade da sociedade que os produz, quer se trate da economia, quer se trate da política, das ciências e das técnicas, quer, é claro, das outras artes (VANOYE 2009, p. 33).

O cinema funciona, assim, como uma espécie de arquivo da memória, no qual fatos do passado e acontecimentos contemporâneos podem ser retratados; desse modo, pode se tornar uma fonte de pesquisa histórica, de que não podemos abrir mão. Vivemos hoje numa era globalizada, e é através dos filmes que se pode fazer uma análise das interações entre as mais significativas formas culturais. Para Hall (1997, p. 17), desde o começo do século XX, vem

ocorrendo uma verdadeira “revolução cultural”, fortemente caracterizada por um domínio das atividades relacionadas à expressão ou comunicação de significados. Estamos diante de uma época em que a comunicação verbal tornou-se mínima, devido à tecnologia da informática. Portanto, é necessário compreender o cinema como um agente de socialização que possibilita o encontro das mais diferentes naturezas, ou seja, de pessoas com elas mesmas, com outras pessoas, com narrativas fílmicas, com outras culturas e com imaginários múltiplos, sendo essa forma de arte, assim, um veículo de consciência intercultural, que educa para a cidadania.

Na percepção de Duarte (2009, p. 59),

[o]s filmes criam um efeito de realidade que supera em muito o de qualquer outra forma de arte; a imagem em movimento produz o que se convencionou chamar de impressão de realidade, base do grande sucesso do cinema. Essa impressão de realidade encontra do lado de cá da tela uma pessoa que também está buscando a ficção e é por essa razão que ela vai ao cinema. Precisamos da ficção tanto quanto precisamos da realidade. A ficção atua como um dos elementos dos quais lançamos mão para dar sentido à nossa existência

Quando assistimos a filmes, tornamo-nos sujeitos dessa história, assumimos o papel de protagonista. As crianças interpretam tal qual como foi posto. Na maioria das vezes, assumem a função de alguns personagens, imitando ou representando. Às vezes, precisamos da ficção para dar sentido às nossas vidas. Outro fator que atua na relação do espectador com os filmes é a identificação, definida na teoria psicanalítica como um processo psicológico por meio do qual o indivíduo assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transforma, total ou parcialmente. Quando entramos em contato com o filme, apagamos temporariamente, e deixamos a verdade e a ficção se confundirem, para causar um efeito de realidade. “Os cineastas costumam dizer que sem identificação não há filme, ou seja, nada daquilo funciona” (DUARTE, 2009, p. 59). Argumenta-se que a análise de filmes históricos e filmes animados devem ser inseridos no contexto educacional para que ocorra a identificação do aluno com a ficção dentro da realidade; para tanto, é preciso que ocorra um envolvimento do aluno com o filme. O professor deve fazer a escolha certa para que haja essa identificação entre espectador e cinema.

2.1 O cinema na escola: limites e possibilidades

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os

valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Sejam comerciais, sejam mais sofisticados, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar, e são inúmeras as possibilidades de se trabalhar com uma obra cinematográfica. O importante é que o professor que queira trabalhar sistematicamente saiba como direcionar cada filme à disciplina, de acordo com a faixa etária de seus alunos e com a cultura na qual estão inseridos.

Embora o cinema já seja utilizado há algum tempo por muitos professores, pelo menos desde o final dos anos 80, apenas mais recentemente estão surgindo algumas propostas mais sistematizadas que orientem o professor no sentido de que o cinema é uma grande ferramenta pedagógica capaz de fazer uma articulação entre currículo/conteúdo, habilidades e conceitos. Nesse sentido: “O significado de um texto/filme é o todo, amálgama desse conjunto de pequenas partes, em que cada uma não é suficiente para explicá-lo, porém todas são necessárias e cada uma só tem significação plena em relação a todas as outras” (ALMEIDA, 2001 *apud* NAPOLITANO, 2013, p. 29).

A peculiaridade do cinema reconhece que, além de fazer parte do complexo da comunicação e da cultura de massa, também faz parte da indústria do lazer e — não nos esqueçamos — constitui ainda obra de arte coletiva e tecnicamente sofisticada. A partir dessa análise, o professor não pode esquecer-se dessas diversas dimensões do cinema ao trabalhar filmes em atividades escolares, considerando que é preciso levar em conta uma situação psicológica peculiar a todo espectador de cinema, que ocorre na identificação com o filme: pois a tendência é que o aluno reproduza certa situação psicossocial que a experiência na sala de projeção faz com que traga para a sala de aula. Assim, é necessário que o professor atue como mediador entre o filme e os alunos, ainda que ele pouco interfira nessas horas mágicas da projeção. Traduz-se que “[o] cinema é sempre ficção, ficção engendrada pela verdade da câmera, o espectador nunca vê cinema, vê sempre filme” (NAPOLITANO, 2003, p. 14).

Acreditamos que as diferentes expectativas e experiências cotidianas dos alunos ao assistirem aos filmes serão os primeiros passos em relação à atividade “Cinema na sala de aula”. Rivoltella (2005, p. 77) considera que, “a modalidade do cinema como representação da história e espelho da realidade permite redimensionar a relação do sujeito com a natureza e com a cultura, seja através da ficção ou do documentário histórico.” Desse modo, o sujeito se percebe como parte integrante dessa história. É ciente dessa identificação que o professor deve atuar como mediador, não apenas preparando a classe antes do filme, como também propondo desdobramentos articulados, como debates, discussões e outras atividades, fontes e temas, lembrando ainda que o filme deve cativar o aluno, incentivando-o a fazer sua própria leitura das imagens, pois

[o] importante é conhecer os limites e as possibilidades técnicas antes mesmo de planejar suas atividades didático-pedagógicas com o cinema. A displicência do professor em relação a esses pontos, aparentemente banais, pode inviabilizar ou prejudicar o uso do cinema na sala de aula (NAPOLITANO 2013, p. 18).

Ao escolher um ou outro filme para incluir nas suas atividades escolares, o professor deve levar em conta o problema da adequação e da abordagem por meio de reflexão prévia sobre os seus objetivos gerais e específicos, além de preocupações do tipo: faixa etária, salas adequadas e público alvo. Portanto, ao escolher os filmes para a sala de aula, deve ter o cuidado de respeitar os valores culturais, religiosos e morais dos alunos e de suas famílias, mesmo discordando deles. Tem que haver uma preocupação no sentido de não bloquear a assimilação de um filme em consequência da precipitação em exibi-lo para uma classe que não estava devidamente preparada para tais tipos de história e conteúdo, em razão de limites culturais, morais ou religiosos. Assim, é necessário cautela ao escolher um filme, pois o espectador (aluno) deve sentir-se à vontade diante das imagens, de forma que a atividade não seja algo cansativo que não consiga prender sua atenção. Diante do exposto, Vanoye (2009, p. 27), afirma que o “espectador do cinema, contudo, não é um leitor de romance, suas referências visuais devem se apresentar de modo, que o espaço e o tempo da narrativa fílmica permaneçam, clara homogênea e se encadeiam com lógica”.

Dentro desse contexto, o cinema deve ser visto pelos educadores como algo inovador e não como algo repetitivo e cansativo. É preciso pesquisar as novas práticas que vêm sendo implementadas nas escolas, para entender como a educação do olhar vem se processando, no sentido de conseguir-se interpretar criticamente as mensagens produzidas pelo cinema, de aprender-se a linguagem audiovisual. “Educar para a linguagem envolve uma concepção pedagógica que promova a linguagem como capacidade de fazer perguntas, de elaborar metáforas que sintetizem o conhecimento e de produzir definições” (RIVOLTELLA, 2005, p. 115).

Cabe, portanto, à escola — como espaço educacional público ou privado que tem por primordial função ministrar ensino coletivo conectado a competências metodológicas — propor uma capacitação em “educação cinematográfica”, ou seja, uma educação para essa linguagem, visando à sociabilidade de valores morais e espirituais; abordagens essas que o cinema reconhecidamente promove. Para Almeida (2001 apud NAPOLITANO, 2013, p. 48), “o cinema é importante porque traz para a escola aquilo que ela se nega a ser e que poderia transformá-la em algo vivido e fundamental: participante ativa da cultura e não repetidora e divulgadora de conhecimentos massificados, muitas vezes já deteriorados ou defasados.” No

atual modelo de currículo, a escola tem que atender às demandas da educação, pois os alunos não são seres passivos, ao contrário são pessoas que pensam e refletem.

Numa perspectiva de identificação com a obra filmica, o aluno se reconhece e se vê em algum personagem, expressando essa identificação através de suas ações, o que constitui um vínculo entre o filme e a criança. Duarte reconhece que

os filmes criam um efeito de realidade que supera em muito o de qualquer outra forma de arte; a imagem em movimento produz o que se convencionou chamar de *impressão de realidade*, base do grande sucesso do cinema. Essa impressão de realidade encontra, do lado de cá da tela, uma pessoa que também está buscando a ficção [...]. Precisamos da ficção tanto quanto precisamos da realidade. Embora não possamos viver em um mundo de fantasias, temos necessidade de sair um pouco do mundo real para aprender a lidar com ele. Além disso, a ficção atua como um dos elementos dos quais lançamos mão para dar sentido à nossa existência (DUARTE, 2002, p. 69, grifos da autora).

O aluno se emociona quando está diante de um filme, o que, na concepção de Wallon (1995), é essencial para o processo de aprendizagem, no que a criança interage e participa, fazendo uma leitura singular do contexto. As imagens despertam o lado criativo fazendo com que interpretem e vivam a cena, imitando e dialogando com o personagem, o que não deixa de ser uma aprendizagem significativa, pois, a partir do momento que fazem comparações e exemplificam, é o primeiro sinal de que estão aprendendo. Evidenciamos então que o cinema — como já salientado, conhecido como “a sétima arte” — interage com o mundo da educação causando diferença e inovando, no sentido de que permite educar ludicamente. De fato, filmes são, via de regra, educativos, isto é, sempre têm um conteúdo de educação que representa o social, bem como têm uma ação pedagógica. Portanto, fazer uma relação entre educação e cinema é uma ideia de promoção e de multiculturalismo.

Napolitano (2009) comenta que uma das justificativas mais comuns para o uso do cinema na educação escolar é a ideia de que o filme “ilustra” e “motiva” alunos preguiçosos e desinteressados para o mundo da leitura. O autor acredita que o desinteresse escolar é um fator complexo, que envolve aspectos institucionais, culturais e sociais, não se reduzindo às insuficiências da escola e do professor. Diante disso, faz o seguinte questionamento:

Como assistir a um filme na sala de aula? Mesmo reconhecendo que o uso do cinema procura relacionar a escola à cultura cotidiana mais ampla, esse tipo de atividade não deve se diluir nela, apenas reproduzindo as expectativas, formas e leituras, que já operamos cotidianamente (NAPOLITANO, 2003, p. 15).

Acredita-se, assim, que o uso do cinema na sala de aula vá além de mera reprodução; tem que se observar a relevância do cinema como uma proposta interdisciplinar de trabalho

que ensina escrever a vida por meio de uma linguagem técnica em diálogo com outras linguagens; daí, sua grande riqueza. É um modo diferente de mediar o conhecimento, de fazer com que o aluno tome consciência de si e do mundo; no entanto, é preciso que a atividade escolar com o cinema vá além da experiência cotidiana, embora sem negar esta. A diferença é que a escola, tendo o professor (a) como mediador (a), deve propor leituras mais ambiciosas que a de puro lazer, “fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a si tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo\linguagem do filme com o conteúdo escolar” (ibid., loc. cit.). A proposta do cinema para a educação é de mudança e reflexão, ou seja, reordenar, romper com certos preceitos da tradição.

2.2 A escala local: o uso do cinema como recurso didático-pedagógico

Estamos numa era tecnológica na qual a leitura tornou-se mínima. Assim, conseguir analisar produções cinematográficas, desconstruir seus estereótipos e criar um referencial crítico nos estudantes, é uma meta importante para qualquer educador, uma vez que o cinema dissemina qualquer referencial popular sobre história com muito mais rapidez e eficácia que qualquer historiador. Isso se reflete diretamente no ensino, haja vista a grande utilização desse recurso por parte dos professores. Nesse contexto, deve-se buscar ampliar o acesso à cultura e favorecer reflexões acerca de questões filosóficas, históricas e sociais que são relevantes para se pensar o cinema como ferramenta pedagógica, pois o aprendizado requer um compromisso fiel do educador com o educando, para que seja plenamente alcançado. Por essa razão, faz-se necessário, muitas vezes, sair da rotina do dia a dia escolar.

O cinema surge como essa proposta de mudança, ou seja, como um instrumento de debate e reflexão importante na formação do aluno e no processo de ensino-aprendizagem. Nessa perspectiva, surge também com uma visão multidisciplinar, como meio de aproximar o aluno da narrativa audiovisual. Assim sendo, o cinema é um instrumento de divulgação de ideologias, de formar e pensar modos de agir, uma fonte de cultura e informação, além de ser também um instrumento de formação, uma vez que compõe, assim, um conjunto complexo de sugestões temáticas que podem ser apropriadas para uma reflexão crítica.

O cinema está ressurgindo tardiamente como um recurso que poderá promover uma transformação na educação. Apesar de ter uma linguagem centenária, está sendo visto como uma proposta para a educação um século depois do seu surgimento. Atualmente, a relação

cinema-educação encontra-se em destaque, pois acadêmicos e profissionais de ensino utilizam esse recurso para efetivarem seus trabalhos em salas de aula.

Antes, o cinema era tido como uma diversão; os alunos não tiravam nenhum proveito educacional. O que é um equívoco, visto que um filme diz tanto quanto for questionado a seu respeito — são infinitas as possibilidades de leitura de cada filme. Todo filme, animado ou não, traz à tona o cotidiano das pessoas; por isso, o aluno deve ser estimulado a fazer uma leitura no sentido de que as imagens e o roteiro traduzam algo de novo para o contexto da educação. Em suma, pensar um trabalho com cinema na escola é criar momentos de saber, fazer e refletir, a partir de uma concepção integrada, pois, em sua potencialidade, ele é objeto sociocultural e instrumento de aprendizagem. Para Rosália Duarte, isso significa que

[o] reconhecimento da importância social do cinema ainda não se refletiu de forma significativa nas pesquisas em educação no Brasil. O potencial da “linguagem cinematográfica” conquista cada vez mais pesquisadores que, reconhecendo os filmes como fonte de investigação de problemas de grande interesse para os meios educacionais, passaram a considerar o cinema como um campo de estudo (DUARTE, 2002, p. 97).

Na contemporaneidade, o cinema ainda está conquistando espaço dentro do contexto educacional. Um reduzido número de escolas o reconhece como fonte de estudo. No entanto, cabe destacar que alguns educadores vêm utilizando filmes em trabalhos escolares, embora, para que essas atividades sejam produtivas, o (a) professor (a) tem que assistir ao filme antes de exibi-lo, tem que conhecer o autor, o diretor, recolher informações sobre estes e também sobre outros filmes do mesmo gênero, além de elaborar um roteiro de discussões para chamar atenção para os elementos que deseja explorar.

Trabalhar o cinema como recurso pedagógico exige que se reconheça pelo menos um pouco de história e teoria do cinema. Segundo Duarte (2009, p. 76), “as narrativas fílmicas falam, descrevem, formam e informam, para fazer uso delas é preciso saber como elas fazem isso”. É preciso se inteirar do conhecimento da linguagem fílmica a fim de poder trabalhar pedagogicamente com este recurso, valorizando a importância das estratégias de ensino, tendo clareza de que o filme tem que se adequar ao conteúdo que o professor precisa trabalhar, de acordo com o tema e a disciplina.

Napolitano (2009) enfatiza, por sua vez, que, infelizmente, a cultura cinematográfica dos sujeitos se encontra cada vez mais limitada e restrita a um tipo de cinema, ou seja, o cinema comercial americano. Diante desse aspecto da realidade, cabe à escola, enquanto local privilegiado para se trabalhar o saber científico e sistematizado, propiciar momentos para que os alunos se apropriem da diversificação da cultura audiovisual. Acredita-se que o professor

deve pautar-se numa abordagem crítica, problematizar a representação fílmica, considerar todos os aspectos que estão inerentes à sua produção e oferecer ao aluno a oportunidade de estudar os conteúdos sob uma nova perspectiva, pois o cinema é memória e é responsável pela produção de sentido e do imaginário social, interferindo na construção de identidades.

No contexto educacional, é necessário que o filme seja analisado como uma proposta de mudança, visto que a criança aprende imitando, brincando e fazendo de conta. Pelo que observamos durante as oficinas, porém, entendemos que o cinema é visto pelos educadores do município de Campina Grande como meros passatempo e lazer, e não como recurso didático-pedagógico. Poucas escolas trabalham com a possibilidade de que é preciso pesquisar as novas práticas que vêm sendo implementadas nas escolas, para entender como a educação do olhar vem se processando, no sentido de conseguir-se interpretar criticamente as mensagens produzidas pelo cinema e aprender a linguagem audiovisual. Alves (2001, p. 7), compartilha desse pensamento, quando afirma que, por muito tempo não se teve clareza da importância da imagem para a compreensão e o conhecimento da realidade, sobretudo porque isso exigia uma leitura crítica da imagem, sua natureza, função e relevância nesse processo.

O filme, seja animado ou histórico, tem um conteúdo de educação, pois representa o social. Na perspectiva de Candau desenvolvida em sua obra (2008), é necessário, pois, que a escola acolha, critique e promova o contato entre saberes, manifestações culturais e ópticas distintos, pois os tempos atuais exigem culturas que se misturem e ressoem mutuamente, que sejam capazes de conviver e se modificar, a fim de que as necessidades intelectuais e culturais dos alunos sejam devidamente atendidas.

3 CAPÍTULO 2: METODOLOGIA

A pesquisa qualitativa foi um aporte importante para desenvolver este estudo, pois permitiu que estivéssemos imersas no processo de observação e interação com o sujeito pesquisado, de modo que aprendemos e assessoramos ao mesmo tempo, além de, dentro do projeto de extensão, aprimorarmos e produzirmos novos conhecimentos. Levando em conta que a pesquisa-ação procurou, conforme a definição de Vianna (2007), “permitir que a pesquisadora, enquanto observadora do processo, estivesse envolvida no mesmo, realizando parte das atividades e assessorando o pesquisado”, assim interagiram monitora e professora. Na concepção de Ghedin e Franco (2008, p. 189):

A educação constitui um fenômeno extremamente complexo, o qual não se pode compreender sem levar em conta todas as dimensões do ser humano. Portanto, a pesquisa educacional constrói teorias que emergem das situações vividas, experimentadas no contexto da ação cotidiana, pois é lá que a vida acontece em toda sua riqueza existencial.

No contexto etnográfico, o domínio da descoberta e o da verificação vão sendo realizados simultaneamente, promovendo a autodefinição da dinâmica da pesquisa, tornando-se importante e significativo porque permite a compreensão do todo da cultura em sua dinâmica e nas relações que a compõem. À medida que se coletam dados, faz-se uma interpretação, até que o pesquisador consiga o máximo de variação possível dentro do conteúdo estudado.

Esta pesquisa teve como recurso o relato etnográfico e, como suporte, o projeto de extensão “O cinema na sala de aula: assessoria e capacitação para o uso didático pedagógico de filmes nas escolas públicas do ensino fundamental de Campina Grande-PB”, cadastrado na PROEX sob o nº 432.305.13/14, de autoria e coordenação da professora Senyra Martins Cavalcanti. Projeto esse cujo caráter é autoformativo e formativo do outro. A partir de sua configuração, os sujeitos — pesquisador e pesquisado; ou seja, *monitora* e *professora* — compartilharam dos resultados. Este projeto foi desenvolvido em forma de 5 (cinco) oficinas que tiveram como suportes os filmes *UP – Altas aventuras* (2009); *Kiriku* (1998); *A bela e a fera* (1991); *Wall-E* (2008), e *Ratatouille* (2007), utilizados para o desenvolvimento dos temas transversais dos PCNs e ministrados pelas monitoras do projeto.

Os temas transversais correspondem a questões importantes, urgentes e presentes sob várias formas na vida cotidiana, devendo ser incorporados nas áreas já existentes do trabalho educativo da escola. Gallo (2001) apresenta uma proposta de transversalidade diferente da que

o Ministério da Educação e Cultura (MEC) vem desenvolvendo: ele propõe a organização do currículo em série e, para o primeiro e segundo ciclo, a organização em disciplinas. O autor acredita que, para resolver o problema da transversalidade, temos que buscar soluções mais complexas e criativas que permitam o desenho de um novo futuro, acabando com a ideia de que o saber tem necessariamente que partir de racionalizações abstratas contidas num currículo pronto. Para este autor, o saber tem que partir da vivência do cotidiano do aluno, e o professor tem que começar a mostrar que os conteúdos que ensina em suas aulas não estão isolados, mas, sim, relacionam-se de alguma maneira com tudo que o aluno aprende na escola.

Os *PCNs* discutem a amplitude do trabalho com problemáticas sociais na escola e apresentam a proposta em sua globalidade, isto é, a explicação da transversalidade entre temas e áreas curriculares, assim como em todo o convívio escolar.

Como uma das monitoras do projeto ora discutido, desenvolvi esta pesquisa com base na aplicação da oficina, na atividade de assessoria e nas observações, durante todo o período em que estivemos envolvidas com a extensão. A assessoria à professora da Escola (CEAI) Dr. João Pereira de Assis partiu desse projeto de extensão e teve como proposta sensibilizá-la para o uso do cinema em suas atividades na sala de aula. Nesse sentido, o referido projeto de extensão apresenta em sua estrutura a intencionalidade em se colaborar para a reflexão de todos os envolvidos no programa (coordenadora, estagiárias, gestoras e professoras), bem como propicia a complementação da formação dos universitários, através de sua aplicação no meio social.

A universidade produz conhecimento e, através do ensino, transmite-o aos educandos. Por meio da pesquisa, também aprimora esses conhecimentos existentes e produz novos conhecimentos. Por fim, através da extensão, pode ainda proceder à difusão do conhecimento existente à comunidade, socializando-o e democratizando-o, bem como às novas descobertas, além de tornar também possível muito aprender com esta. Forma-se assim um ciclo no qual a pesquisa aprimora e produz novos conhecimentos, que são difundidos através do ensino e da extensão. Esta reflexão foi direcionada para basear-se na prática e sobre a prática.

Segundo Carbonari (2011), a discussão da extensão no século XX e no presente está centrada na ideia de que a extensão deve cumprir um importante papel na busca de soluções para os problemas sociais, no qual, através desse ponto de vista, ela possa encontrar uma definição para o seu espaço. Acredita o autor que a história da extensão foi marcada por discussões e adequações de conceito próprio, dentro das instituições de ensino superior. No

entanto, seu argumento é que “a extensão deve submeter-se de forma contínua a um processo avaliativo que lhe permita verificar a efetividade de suas ações” (CARBONARI, 2011, p. 24).

Desta forma, à medida que oferece assessoria e formação continuada às professoras das escolas públicas, para o uso de filmes na sala de aula, contribui também para a formação acadêmica das monitoras, através de palestras, cursos e oficinas nas salas de aula do curso de Pedagogia, no auditório do Centro de Educação da Universidade Estadual da Paraíba (CEDUC\UEPB), em Campina Grande (PB), e no centro de integração acadêmica (CIA), bem como através de atividades de produção de materiais didáticos e exibição de filmes. Ou seja, há uma aprendizagem recíproca.

Nessa perspectiva é que se decidiu pela realização de um relato etnográfico, uma vez que este implica uma relação necessária entre o pesquisador e as pessoas da situação investigada e constitui uma forma sistemática de registro do modo de vida de outro sujeito, conforme a visão de mundo e o modo de pensar de sua cultura. Conforme ressalta Ghedin e Franco (2008, p. 180),

[a] pesquisa baseada nesta abordagem aproxima o investigador das experiências alheias, de sorte que faça a experiência do que é o outro na compreensão que este tem de si mesmo. Portanto, o esforço da pesquisa não é expressar a própria experiência no processo de construção do conhecimento de certo objeto, mas mostrar como foi possível captar, pela explicação e compreensão, o modo pelo qual o outro faz a própria experiência existencial.

No contexto de uma pesquisa etnográfica, a capacidade de aprendizagem é aproveitada e enriquecida em função das exigências da ação em torno das quais se desenrola a investigação, sendo que tanto pesquisador como participantes aprendem durante o processo de investigação, discussão e resultado. O sujeito deve assumir constantemente os papéis de pesquisador e participante do grupo, engajando-se de forma dinâmica no processo, sinalizando para uma necessidade emergente e dialógica da consciência dos sujeitos, na direção mútua da mudança de percepção e de comportamento.

Nas palavras de Franco (2005, p. 487), “ao falarmos de pesquisa-ação, estaríamos pressupondo uma pesquisa de transformação, participativa, caminhando para processos formativos”. Haveria, assim, uma contínua formação e emancipação dos sujeitos da prática. O processo — tanto o de pesquisa como o de formação — pode ser considerado a dinâmica em que se vai construindo a identidade do sujeito. Nesse sentido, a etnografia como metodologia da pesquisa em educação está imbricada no contexto da pesquisa-ação, de base empírica, fundada na descrição, observação e ação, na qual pesquisador e participantes desempenham um papel ativo, buscando de fato uma ação do tipo cooperativa e participativa.

De acordo com Thiollent (1996), as interpretações da realidade observada e as ações transformadoras são objetos de deliberação, a qual, nesse conceito, é participativa, fazendo-se necessário que tomem parte as pessoas implicadas nos problemas investigativos. Há uma ação por parte das pessoas envolvidas no problema sob observação, pois a ação é problemática, merecendo investigação para ser elaborada e conduzida. Na percepção do autor supracitado,

[a] pesquisa-ação encontra um contexto favorável quando os pesquisadores não querem limitar suas investigações aos aspectos acadêmicos e burocráticos da maioria das pesquisas convencionais. Querem pesquisas nas quais as pessoas implicadas tenham algo a “dizer” e a “fazer”. Não se trata de simples levantamento de dados ou de relatórios a serem arquivados. Com a pesquisa ação os pesquisadores pretendem desempenhar um papel ativo na própria realidade dos fatos observados (THIOLLENT, 1996, p. 16).

Reconhece-se que os sujeitos dessa pesquisa tiveram uma participação ativa e de formação continuada. Tanto a monitora quanto a professora (M. A.) desempenharam papéis importantes nos fatos e eventos observados. A monitora (sujeito pesquisador), graduanda em Pedagogia, frequentou cursos de formação para o cinema, atuando neste projeto de extensão como aluna, monitora e, por conseguinte, assessorando a professora pesquisada. A professora (sujeito pesquisado), pedagoga, participou como aluna do curso de extensão e elaborou seu projeto de oficina-aula com a colaboração da monitora.

A esse respeito, Ghedin & Franco (2008) identifica o relato etnográfico em termos colaborativos, isto é, as práticas são construídas na interação social entre as pessoas, partindo do princípio de que, ao investigarem, mudam suas realidades sociais e educacionais, por meio da mudança de algumas práticas vivenciadas dentro de suas realidades, ou seja:

A pesquisa etnográfica busca uma narrativa construída num permanente movimento que vai das relações bem particulares dos sujeitos ao todo da cultura em que se inserem como protagonistas de seu modo de ser. O observador é parte do contexto sob observação, ao mesmo tempo modificando e sendo modificado por este contexto. (GHEDIN & FRANCO, 2008, p. 194).

As relações entre as pessoas envolvidas se caracterizam pela forma como interagem. Na concepção de alguns teóricos, a pesquisa etnográfica constitui uma forma sistemática de registro de informações e ações dos sujeitos pesquisados. Outros acreditam ser um processo social, participativo, prático e colaborativo; além de emancipatório, crítico, reflexivo e dialético, envolvendo aprendizado sobre práticas reais, materiais, concretas e específicas de certas pessoas em locais específicos, assegurando um processo de aprendizado, cujos frutos são mudanças reais e materiais.

A pedagogia da pesquisa-ação, na visão de Ghedin e Franco (2008), leva em conta a voz e a perspectiva do sujeito. A metodologia organiza-se pelas situações relevantes que emergem do processo, no qual o sujeito deve tomar consciência das mudanças que vão ocorrendo em si próprio e no referido processo. Nesse sentido, os sujeitos reorganizam sua autoconcepção de sujeitos históricos. Para esses autores (2008, p. 220),

a pesquisa ação, estruturada de acordo com seus princípios geradores, é eminentemente pedagógica à medida que o exercício pedagógico se configure como uma ação que confira caráter científico à prática educativa com base em princípios éticos que visualizem a contínua formação e emancipação de todos os sujeitos da prática.

Na pesquisa-ação, todos os envolvidos desenvolvem a mesma capacidade de aprender, baseada na descrição, observação e ação. Todos (pesquisadores e participantes) desempenham um papel ativo, buscando uma ação cooperativa e participativa.

3.1 Conceito e aplicação da etnografia na educação

A etnografia é um importante instrumento para a prática pedagógica, pois, apresenta-se como um método necessário para investigar quem são os sujeitos, quais as relações entre eles, quais os lugares, quem são as pessoas que ocupam a escola. Para Ghedin e Franco (2008, p. 188), “nesse modelo de pesquisa, em vez de buscar causas e efeitos, é preciso considerar a sincronicidade dos fenômenos e suas diversas possibilidades de realização. Em determinado contexto, cada elemento integra-se com todos os outros”.

A pesquisa etnográfica no contexto educacional busca a natureza processual, as formas como as relações são construídas, seja numa sala de aula em particular, seja nas interações interpessoais desenvolvidas no âmbito escolar e social; ou seja, o que está acontecendo numa ação social e o que estas ações significam para os atores envolvidos, no momento em que acontecem. O registro dessas ações envolverá uma análise interpretativa; caso contrário, será apenas uma descrição dos dados, não uma análise significativa das informações registradas no diário de campo. Ghedin e Franco (2008, p. 203) definem da seguinte maneira o relato etnográfico:

O trabalho de pesquisa orientado por uma prática centrada na etnografia busca descrever, compreender e interpretar os fenômenos educativos presentes no contexto escolar. O enfoque da pesquisa centra-se no contexto de cada escola, vista como uma comunidade cultural que elabora sentido e significado para suas ações, ao mesmo tempo, que condiciona e estabelece um conjunto de relações e práticas mediante os sujeitos que vivenciam sua realidade.

Entende-se que a pesquisa busca a natureza processual, as formas como as relações são construídas a partir da observação e da descrição. Portanto, esses elementos são cruciais para a atividade etnográfica que, seguindo o método indutivo e dedutivo, e estando em permanente diálogo com tal procedimento analítico, é marcada pela tentativa de compreender o outro e os veículos por meio dos quais essa maneira de viver se manifesta. Desta forma, considera-se que os instrumentos de pesquisa devem ser usados com o devido cuidado, e o pesquisador tem que levar em conta a voz ou a presença do participante na pesquisa e no relato final do trabalho. Pois é necessário que se fale *com* o pesquisado, não *a respeito do* pesquisado; o participante é como agente da pesquisa. O que deve ser avaliado é a experiência do outro, ou seja, é escrever sobre o outro, mas na perspectiva dele. Por conseguinte, constitui um processo interpretativo que está ligado a um modo de perceber o mundo do outro e de como o outro vê a si mesmo.

Refletindo acerca do que está mencionado acima, é necessário também que haja uma dialética entre as culturas do pesquisador e do sujeito pesquisado, pois, é a partir dessa dialética (poder de argumentação), ou seja, do modo de aproximar as ideias individuais às universais, que se inicia o processo, construindo passo a passo relações com o contexto a ser pesquisado. Nesse aspecto, a evolução do trabalho de coleta de dados, o processamento das análises e, por fim, a construção do trabalho científico são todos fatores determinantes em etnografia. Os dados ditam o caminho teórico a ser conduzido durante as análises e os resultados da pesquisa, e “suas hipóteses vão sendo construídas progressivamente à medida que os dados respondem ou não às perguntas que os agentes de pesquisa, junto com o pesquisador, formulam, diante do objeto pesquisado” (MATOS; CASTRO, 2001, p. 37).

Identificamos assim que a contribuição da etnografia na educação, no contexto da pesquisa, implica em conhecer e compreender a realidade escolar para no futuro agir sobre ela, modificando-a de acordo com uma descrição densa do contexto estudado. Numa visão mais ampla, a pesquisa etnográfica está inserida numa atividade observadora e interpretativa realizada pela análise qualitativa de algo que é público e busca uma compreensão completa de um sistema simbólico. Assim, reconhece-se que o pesquisador deve ter um olhar para o que foi construído ao longo da experiência de vida do pesquisado, enquanto aborda três pontos importantes, quais sejam: descrição, clareza e observação participante.

Na presente pesquisa, optou-se por assessorar a professora M. A., na escola CEAI, trabalhando o uso didático das imagens, bem como, por fim, estabelecer uma relação de parceria, observando cada passo dado, a partir da aplicação do que compreendeu em sua

oficina-aula, na qual trabalhou o tema transversal proposto pelos *PCNs* (meio ambiente e saúde), tendo como suporte o filme *Wall-E* (Direção: Andrew Stanton, 2008).

Tendo em vista que o observador participante é aquele que interage com o pesquisado, tem ele uma atenção ampliada e particular do ambiente observado, de modo que consegue avaliar determinadas situações de maneira objetiva. Procuramos, através dessas observações, identificar também as interferências do espaço local, tais como: o ambiente adequado, a falta de interesse das outras professoras, o processo de escolarização, a aprendizagem e a socialização, bem como a relação com diretores, professores e as externalidades presentes nessa escola que possam contribuir para a alfabetização do uso de imagens. Ressalto ainda que a observação, além de participante, ocorreu de modo colaborativo, pois ministramos a oficina e, no segundo momento, também assessoramos a professora. No contexto de inclusão do pesquisador no universo do sujeito pesquisado, estivemos presentes em sala de aula no período de abril a julho do ano em curso, assessorando e observando a professora M. A.

3.2 A etnografia e o cinema: um diálogo a partir da escola

Conforme relata Mattos e Castro (2001), a etnografia desenvolveu-se no final do século XIX e início do século XX como uma tentativa de observação mais holística dos modos de vida das pessoas. Foi encontrada primeiramente em livros de viagem, descrevendo sociedades exóticas. Muitos desses livros foram criticados por serem incompletos ou por dramatizarem excessivamente os fatos descritos. Houve também neste período um estudo de caso descrevendo os modos de vida desses povos exóticos, introduzindo assim a etnografia, que daí se desenvolveu. O cinema segue esse caminho, relata fatos, narra acontecimentos e fatos históricos, dentro dessa mesma perspectiva.

O filme é uma produção etnográfica antropológica, ou seja, constitui uma construção do conhecimento etnográfico, tendo a leitura do texto fílmico a metodologia diferente do texto escrito, uma vez que um filme não se desenvolve longe do seu domínio cultural. A esse respeito, a escola de Frankfurt representou uma importante revolução no modo de pensar e desenvolver a comunicação contemporânea, já que, por meio dela, desenvolveram-se grandes estudos que possibilitaram uma compreensão bem abrangente de termos norteadores de nossa vida social e profissional. Nesse sentido, etnografia e cinema estão inertes na cultura escolar, levando-se em conta que o momento atual do currículo é consequência de fatos passados e presentes, configurando uma nova concepção de informação, em que as potencialidades do

novo aparato técnico passaram a ser exploradas na documentação de sociedades e culturas muito diversas, gerando imagens de grande valor científico e etnográfico.

O cinema e a etnografia se cruzaram, quando os dois antropólogos, Gregory Bateson e Margareth Mead, estabeleceram uma colaboração num estudo sobre uma aldeia de Bali, pesquisando sobre a educação das crianças balinesas. A partir desse projeto, na integração entre filme e fotografia nas pesquisas etnográficas, surgiram diversas contribuições para a antropologia. Quanto a essa perspectiva, escreve Rivoltella (2005, p. 75) que “o cinema é cruzamento de práticas sociais diversas, porque é um instrumento de difusão do patrimônio cultural da humanidade e porque é documento de estudo da história”. Além disso, tem uma relação com a história da educação, pois traz para o currículo, acontecimentos reais e fictícios da época.

É interessante constatar que a relação entre observador e observado, presente na antropologia, está presente também no cinema, considerando-se quem filma (observador) e quem está sendo filmado (observado). Dessa forma, o cinema permite ao etnógrafo partilhar a antropologia com os próprios objetos de sua pesquisa, pois o cinema constrói e investiga ao mesmo tempo. Ele tem uma linguagem lúdica, ao passo que a etnografia vale-se de uma linguagem mais sensível e com preparo teórico-metodológico; porém, ambos compreendem e dão sentido às experiências humanas, quer as reais, quer as imaginárias.

3.3 O cinema no espaço escolar e o lugar do professor

Segundo a professora e pesquisadora Rosália Duarte, o cinema e a escola vêm se relacionando há décadas, principalmente nos países europeus, onde aquele já faz parte do currículo escolar. Ao comentar a importância desse componente curricular, a autora lembra que, na perspectiva do sociólogo francês Pierre Bourdieu, o cinema proporciona às pessoas uma experiência que contribui para o desenvolvimento do que se chama de “competência para ver”, no sentido de que lhes faculta certa disposição — que, por sua vez, tem um reconhecido valor social — para apreciar, compreender, analisar e criticar as histórias contadas nos filmes (DUARTE, 2009, p. 13). Obviamente, essa competência não é adquirida apenas vendo filmes, mas, sim, na atmosfera em que estão inseridas culturalmente, na experiência escolar e na afinidade com a arte.

Partindo desse pressuposto, o professor deve agir como mediador entre imagem e aluno, fazendo com que este crie seus próprios mecanismos e procedimentos, de modo que reflita coletivamente. O filme lhe deve ser um suporte, uma ferramenta da qual o professor

não pode abrir mão, por isso se faz necessário que este conheça os limites e as possibilidades técnicas, antes de planejar suas atividades, tendo cuidado ao escolher um filme para suas aulas. No momento dessa escolha, é preciso que reflita sobre o público-alvo, a faixa etária, a etapa de aprendizagem, bem como o repertório cultural do aluno, a partir de um diálogo com esses valores, a fim de evitar um bloqueio pedagógico. Assim, o cinema se coloca no espaço escolar como um aporte, uma ferramenta indispensável para o professor, tendo em vista sua complexidade, lembrando-se, ademais, que “o uso do cinema na sala de aula (incluindo os desenhos animados) não é uma atividade isolada em si mesma, podendo estimular outros tipos de aprendizado de conteúdos, habilidades e conceitos” (NAPOLITANO, 2013, p. 22).

O professor deve estimular os alunos no sentido de que através da imagem podem-se abstrair fatos e acontecimentos com mais facilidades. A abordagem de cada filme é que vai determinar o conteúdo de cada atividade. Não existe receita teórica que substitua a reflexão e a perspicácia do professor em relação aos seus alunos. Partindo desta reflexão, o professor tem que estar atento para o olhar individual de cada aluno, respeitando e valorizando a fantasia, sem reforçar a explicação da ideologia como sinônimo de verdade.

4 CAPÍTULO 3: CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA

A Escola Municipal (CEAI) Dr. João Pereira de Assis está situada à Rua Manoel Alves de Oliveira, s./n., no Bairro do Catolé, sendo sua entidade mantenedora a Prefeitura Municipal de Campina Grande. Inaugurada em dezembro de 1996, na administração do prefeito Félix Araújo Filho e do governador José Targino Maranhão, a escola foi construída com recursos provenientes do Ministério da Educação e Cultura (MEC), do Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), da Prefeitura Municipal de Campina Grande (PMCG) e da Secretaria de Educação da Paraíba (SEC/PB), e seu nome é uma homenagem ao Dr. João Pereira de Assis.

O prédio é amplo, arejado e bem arborizado, tendo espaço para movimentação e uma arquitetura moderna. A referida escola está localizada na zona urbana de Campina Grande, num bairro residencial e em rua pavimentada. Fica próxima à condomínios, padarias, escolas, shoppings, e tem saneamento básico, tal como água, energia, rede de esgoto, coleta periódica de lixo. É cercada por muros altos, mantém os portões sempre fechados e conta com o serviço de vigia.

No que diz respeito ao ensino (proposta de educação), trabalha com a organização de ciclos fundamental, séries iniciais e finais (1º ao 3º ano) e (4º ao 9º ano), respectivamente. Além disso, oferece Educação de Jovens e Adultos (EJA); acompanhamento pedagógico (reforço escolar), letramento e alfabetização; artes, cultura e educação patrimonial; capoeira (mais educação), artes, danças, cultura digital (inclusão digital), informática e tecnologia da informação; xadrez tradicional e xadrez virtual; e ainda promove atendimento educacional especializado (AEE), como o ensino de libras e técnicas de orientação e mobilidade. Para tanto, possui uma equipe de 64 (sessenta e quatro) funcionários, sendo 9 (nove) da equipe pedagógica.

No que concerne à alimentação (merenda escolar), a escola tem cardápio variado e balanceado. A água filtrada nos bebedouros é proveniente da caixa d'água, que é utilizada para abastecer a escola, e o prédio é acessível aos portadores de deficiência, contando com dependências e sanitários adaptados para atendê-los.

Quanto à infraestrutura, tem 10 (dez) salas de aula, 1 (uma) secretaria, 1 (uma) sala de leitura, 1 (uma) sala de multimídia, 1 (uma) sala de informática, 1 (uma) sala de professores, 1 (uma) sala de equipe técnica, 1 (uma) diretoria, 1 (uma) cantina, 1 (um) refeitório, e 10 (dez) banheiros, 2 (dois) dos quais são para alunos especiais. A escola tem ainda rampas, pátio coberto para lazer e eventos, 1 (uma) sala para atendimento especial, e uma quadra ao ar livre

ainda está para ser construída. Há 1 (um) consultório odontológico com funcionamento nos turnos manhã e noite, para atender aos alunos e funcionários desta instituição, bem como 1 (um) almoxarifado com estantes e filmes (acervos), local este onde será implementado o cineclubes. A escola conta, por fim, também com 1 (um) laboratório de informática, que foi construído com recursos do Programa Nacional de Tecnologia Educacional (PROINFO) e da Prefeitura Municipal de Campina GRANDE (PMCG), inaugurado em fevereiro de 2002.

A escola tem uma estrutura própria para a educação, com funcionamento autorizado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), tendo passado por uma reforma em julho de 2010, com recursos do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), da Prefeitura Municipal de Campina Grande (PMCG) e com recursos próprios, sob a administração do prefeito Veneziano Vital do Rêgo Segundo Neto, na gestão de Lucilene Batista Lima, atual gestora da referida instituição de ensino.

No que diz respeito aos recursos didáticos, tem equipamentos de uso coletivo, tais como: DVD, impressora, copiadora, televisão, data show, computadores com internet banda larga, sendo 18 (dezoito) computadores para uso dos alunos e 2 (dois) de uso administrativo. No geral, a escola mostra-se em condições para a prática docente e tem uma arquitetura moderna e com equipamentos adequados. Algumas das informações citadas acima foram pesquisadas em documentos, placas, e também repassadas pela gestora e pela professora M. A

5 CAPÍTULO 4: O TRABALHO DE CAMPO

Esta pesquisa surgiu da participação como monitora do projeto de extensão já citado anteriormente, a primeira etapa desenvolvida na Escola Gustavo Adolfo Cândido, no período de 24 de março a 7 de abril do ano em curso. Trata-se de uma pesquisa qualitativa que adotou como método para seus procedimentos o relato etnográfico e como ferramenta (recurso) a extensão e o relato de experiência. Este projeto apresentou uma proposta de assessoria e capacitação às professoras da rede municipal de ensino, bem como a formação das monitoras. A pesquisa foi realizada em etapas, sendo que a primeira foi realizada dentro do projeto de extensão, quando monitoras e professoras receberam a capacitação. A segunda etapa aconteceu quando nós, monitoras, fomos ao colégio CEAI, assessorar a professora M. A. na construção de sua oficina. A terceira etapa aconteceu nessa mesma escola, quando fomos observar a referida professora aplicando sua oficina em sala de aula com seus alunos. Da necessidade de conhecer suas contribuições, assumimos a posição de pesquisadores.

Como mencionado acima, a professora M. A., sujeito dessa pesquisa, recebeu uma formação continuada, através das oficinas e, depois, foi assessorada na escola (CEAI) onde trabalha na construção de sua oficina-aula. Um dos objetivos dessa pesquisa foi discutir com a professora o lugar das imagens como recursos didáticos pedagógicos na educação básica. No entanto, desenvolver a presente pesquisa suscitou também um interesse em mergulhar no conhecimento sobre a complexidade da linguagem filmica, visando a pesquisar alternativas de trabalho articulados às práticas didáticas e possibilitando o debate inter e transdisciplinar do cinema, estimulando as professoras do ensino fundamental da rede pública municipal de Campina Grande PB a trabalharem com o uso dessas imagens em suas salas de aula, seguindo o exemplo da professora M. A.

Assim, as crianças assistem aos filmes, e cabe às professoras trabalharem com elas o uso dessas imagens, fazendo uma análise da obra em questão; ou seja, uma leitura interna e descritiva, a partir dos elementos visuais, técnicos, estéticos e narratológicos. Nesse sentido, uma vez que a leitura de um texto filmico por uma pessoa que se coloca como espectador depende não apenas do próprio texto, mas, principalmente, do olhar com o qual o lê, entende-se que os significados produzidos a partir de um filme não dependem apenas dos referenciais. É a partir da experiência de cada pessoa e de um olhar situado socialmente que se assiste ao filme de forma concreta e se produzem seus sentidos. Por isso, faz-se necessário trabalhar nas escolas o uso dessas imagens, através de filmes.

Destacamos que, *a priori*, eram cinco escolas que queriam implementar o cineclube; mas, como não houve interesse por parte das gestoras e professoras, somente três foram selecionadas, quais sejam: Gustavo Adolfo Cândido, Félix Araújo e CEAI (Dr. João Pereira de Assis), todas situadas no bairro do Catolé. Este bairro foi escolhido por ter escolas interessadas no projeto e também pela proximidade geográfica para visitações pelas monitoras. É um bairro desenvolvido, composto tipicamente por moradias de classe média, localizado na zona sul de Campina Grande, sendo um de seus maiores bairros, próximo ao do Mirante. Atualmente, está em constante expansão e verticalização, e já conta com shoppings, escolas públicas e privadas, centros universitários, terminal rodoviário, hospitais e um parque (Parque da Criança). Segundo o censo de 2010 (IBGE), o bairro do Catolé tem uma população de 20.233 habitantes, com uma população alfabetizada de 83,9%.

A escola anfitriã para a realização das oficinas foi a Gustavo Adolfo Cândido, representada pela gestora, que esteve presente em todas as oficinas, o que nos chamou a atenção, pois, além de sua presença participativa, contribuía com questionamentos relevantes. Ampla, com salas arejadas, a escola tem espaços livres para recreação, diretoria, sala para reuniões, pátio etc., e funciona nos três turnos, de modo que preenche todos os requisitos necessários para realizar um trabalho educacional. A gestora nos recebeu, fornecendo todo o material necessário para a realização do evento.

Figura 1: Ministrando as oficinas

Fonte: Pesquisa de campo /2014



Por motivos pessoais e/ou profissionais, nem todas puderam comparecer; porém, contamos com a presença de 12 (doze) profissionais da rede municipal de educação de Campina Grande, sendo que, dessas, 3 (três) eram gestoras, 1 (uma) era adjunta, e duas (2) eram professoras do programa “Mais educação”, todas interessadas em trabalhar com cinema na sala de aula. O principal objetivo das oficinas foi elaborar um projeto de intervenção (assessoria) e, posteriormente, oferecer apoio às professoras, quando estas fossem aplicar as oficinas em suas salas de aula — trabalhando os temas transversais, tal como proposto pelos *PCNs* —, bem como na organização de acervos de filmes na biblioteca da escola, além de assessoria pedagógica para o desenvolvimento de projetos de ensino com o uso de filme.

Como se sabe, os *PCNs* têm uma proposta pedagógica voltada para temas transversais, para a interdisciplinaridade, e foram criados para atender uma necessidade do momento, de modo que o atual modelo de currículo decorre desta conjuntura atual. Nesse sentido, os filmes também atendem a essa proposta, uma vez que dizem tanto quanto se questione a seu respeito, podendo-se trabalhar vários conceitos e temas num único filme.

De acordo com a fala de algumas professoras durante as apresentações das oficinas, o cinema nunca foi trabalhado como uma ferramenta pedagógica, somente como diversão: “Já trabalhei com filmes, mas não dessa maneira”; “O cinema não é só um passatempo?” Elas disseram não saber o poder que o filme tem e como poderia ser usado em sala de aula.

Assim, o primeiro filme trabalhado foi *Up — Altas aventuras* (Direção: Pete Docter, 2009), sendo o tema transversal: “Ética e cidadania”. As professoras assistiram ao filme, mostrando interesse em aprender como trabalhar com esta importante ferramenta na educação básica e fundamental. Antes da exibição, foram apresentados *slides* contendo os conteúdos e objetivos, tais como: o que é ética? a escola e a ética; desafio para o professor na sala de aula e como trabalhar os valores; regras de convivência; a influência da escola etc. É importante reiterar que o objetivo dessas oficinas é construir com as professoras da rede municipal de Campina Grande a perspectiva e o uso de cinema enquanto recurso didático pedagógico.

Figura 2: Professoras participando das oficinas aulas.

Fonte: Pesquisa de campo/ 2014



Na primeira oficina, observamos um interesse massivo por parte das professoras e gestoras, embora o número de participantes tenha sido pequeno em relação às inscrições — ao todo, 12 (doze) participantes compareceram, sendo que, dessas, três eram gestoras, e uma, coordenadora.

A segunda oficina aconteceu no dia 26 do mesmo mês, no mesmo horário. O filme trabalhado dessa vez foi *Kiriku* (Direção: Michel Ocelot; 1998), sendo o tema transversal: “A diversidade cultural”. Esse filme possibilitou ainda a discussão de questões como preconceito, desigualdade social e discriminação. Algumas professoras contribuíram com questionamentos sobre o filme, e muitas admitiram que tudo era novidade para elas e que estavam conhecendo outro estilo, o qual pretendiam levar para dentro da sala de aula. Observamos que estavam agindo como alunas que queriam aprender, em face de suas atitudes, brincadeiras, por seu comportamento e pela maneira de se expressarem.

Antes da exibição do filme, houve a apresentação da temática com alguns conceitos e objetivos, tais como: pluralidade cultural; desafio para o professor na sala de aula; romper barreiras; preconceito; desigualdade social; discriminação; cultura e escola. Após a exibição do filme, as participantes responderam algumas atividades. Somente uma já havia assistido ao filme. Notamos uma forte integração entre todas: a união, a maneira como compartilhavam os objetos, o compromisso. As participantes demonstraram interesse, afirmando que pretendiam

modificar a rotina escolar através do cinema, e algumas pediram sugestões de filmes para trabalharem com o tema “Meio ambiente e família”, o que não foi possível na hora, pois o objetivo das oficinas é prestar assessoria, mas somente depois de suas realizações.

O objetivo por ora era que os professores participassem para, depois, criarem as suas próprias oficinas e trabalharem o que aprenderam com seus alunos. Cumpre ressaltar que, durante os trabalhos, uma professora relatou: “O filme me fez lembrar um aluno que estudou aqui e que sofreu preconceito por causa do seu tamanho; era tão pequeno que sofreu rejeição e discriminação por alguns alunos”. O comentário gerou uma interessante discussão entre as professoras.

A terceira oficina ministrada foi realizada no dia 31 do mesmo mês. O filme escolhido foi *A bela e a fera* (Direção: Kirki Wise e Gary Trousdale, 1991), sendo o tema transversal: “Orientação sexual”. A temática foi desenvolvida de acordo com os PCNs e, durante a apresentação, levantamos alguns questionamentos, conceitos, objetivos e conteúdos, como: sentimentos; sensação de prazer e desprazer; comportamento; pensamento; o respeito a si próprio, ao outro e ao sentimento; padrões de beleza; valorização e cuidado com o corpo; relações humanas; expressões de sensibilidade; semelhanças e afinidades; discriminação; tolerância às diferenças.

Percebemos assim que muitas escolas estão atentas para a necessidade de trabalhar essa temática, mas só em seus conteúdos formais, como no estudo do aparelho reprodutivo no currículo de ciências naturais, esquecendo-se de abordar a questão de gênero e das diferenças, o que é muito discutido no cotidiano. Diante do que foi exposto, as professoras disseram não saber da complexidade de se trabalhar com o filme. Houve alguns questionamentos do tipo: “É complicado trabalhar a sexualidade com os alunos; os alunos já trazem para a sala de aula uma visão equivocada sobre a sexualidade; os pais não gostam que se trabalhe a sexualidade com seus filhos.” Dentro dessas abordagens surgiu um questionamento sobre a dificuldade de se trabalhar a sexualidade na sala de aula e também de como abordar cada tema dentro de um contexto de imagens, como o cinema.

Figura 3: Ministrando as oficinas.

Fonte: Pesquisa de campo /2014



Após a exibição, as participantes responderam as atividades que serviram de apoio, nas quais aprendem como questionar o uso das imagens e como aplicar o cinema na sala de aula. Tendo em vista que, segundo Napolitano (2013), as possibilidades de trabalhar o cinema como ferramenta didático-pedagógica são inúmeras, dadas as infinitas leituras que se podem fazer de um filme.

Com o decorrer das apresentações, fomos aprimorando nossos conhecimentos e, então, percebemos que o filme pode disseminar qualquer referencial, de modo que forma conceitos e quebra regras. Com sua utilização, podem-se trabalhar diversos temas, de forma educativa e divertida; daí, sua grande relevância. Numa época em que tanto se fala de pluralidade e interdisciplinaridade, os filmes surgem, portanto, como uma importante ferramenta para a educação. Assim, esperamos que as professoras sigam essa linha e que, após as oficinas propostas pelo projeto de extensão, mantenham o interesse em trabalhar didaticamente com o uso de imagens filmicas.

A quarta oficina foi trabalhada com base no tema transversal “Saúde” e teve como suporte o filme *Ratatouille* (Direção: Brad Bird, 2007). O conteúdo apresentado foi: o que é saúde? A esse respeito, trabalhamos também os hábitos de higiene e algumas práticas vistas como indispensáveis nesse sentido. No que diz respeito a uma forma de trabalhar com a

questão saúde e doença, entendemos que, muitas vezes, é preciso compreender e ajudar o outro, em vez de criticá-lo e julgá-lo.

As professoras a cada oficina se renovam, no sentido de aprender e compreender como funciona a didática de imagens. A esse respeito, pudemos notar uma ansiedade e pressa por parte das participantes em começar a trabalhar com o cinema em suas salas de aula. Elas queriam implementar o cineclube, pular a fase das oficinas e ir direto à aplicação. Tiraram cópias das atividades para aplicar com seus alunos e distribuíram entre si, o que deixou a coordenadora desapontada, pois as etapas previam que o primeiro momento seria para o reconhecimento do material, o segundo seria a assessoria e, por fim, cada professora faria sua oficina com base no filme escolhido.

A quinta e última oficina foi elaborada com base no tema transversal “Meio ambiente e saúde” e teve como suporte o filme *Wall-E* (Direção: Andrew Stanton, 2008). Por ser um filme com pouca linguagem verbal, algumas professoras disseram não ter gostado; algumas dormiram durante a exibição. Isso nos faz acreditar que o filme tem que ser empolgante para atrair a atenção da criança, pois, tal como o adulto, ela não se encanta se o mesmo não for de acordo com seus gostos e expectativas. Tal como ressalta Rosália Duarte, um fator sempre importante na relação do espectador com o cinema é a ocorrência de uma “*identificação*”, pois é ela a responsável pelo “vínculo entre o espectador e a trama”, uma vez que permite a quem assiste “identificar-se com a situação que está sendo apresentada e reconhecer-se, de algum modo, nos personagens que a vivenciam” (DUARTE, 2002, p. 59, grifos da autora). Costuma-se ainda dizer que sem identificação não há filme, ou seja, nada daquilo funciona.

Uma observação feita pela professora M. A. nos chamou a atenção: “Mesmo trabalhando de forma equivocada com o uso de imagens, eu percebi que meus alunos se concentravam na hora de assistir ao filme”. “Já usei filmes nas minhas aulas, mas, não didaticamente, pois não sabia da sua importância para a educação.” Relatou também que está juntando dinheiro num cofre para levá-los ao cinema. Uma sugestão feita por outra professora nos levou a acreditar que o filme pode ter inúmeras interpretações. Em sua fala: “podemos trabalhar também com o conceito de saúde, pois todos os personagens estão bem gordinhos, sedentários”. Em face desse comentário, sentimo-nos instigados a tirar proveito das imagens.

Figura 4 Professoras assistindo às oficinas aulas.

Fonte: Pesquisa de campo/ 2014



No decorrer das apresentações, surgiram várias indagações. A professora M.A relatou que já havia trabalhado o cinema com seus alunos, mas não didaticamente — os filmes eram exibidos aleatoriamente, e ela sempre exibia filmes novos, temendo que seus alunos não se interessassem.

Nesse sentido e não por acaso, uma das principais metas do projeto ora em discussão é a de sensibilizar as professoras do ensino fundamental da educação para a necessidade do desenvolvimento de um novo alfabetismo das imagens, com o propósito de que estas possam estabelecer uma nova relação com os atuais produtos culturais infantis. Relação essa que supere a visão de que produtos massivos são de baixa cultura e a de que espectadores são sujeitos passivos. A esse respeito, conforme esclarece Santos (2014, p. 6, grifo da autora), a perspectiva de Pierre Bourdieu, por exemplo, era a de que conflitos assim

motivam valores que se tornam aceitáveis pelo senso comum. No campo da arte, da moda, da literatura, da ciência a luta simbólica decide o que é clássico ou popular, o que é bom ou mau gosto, certo ou errado. Dos elementos vitoriosos, formam-se o *habitus* e o código de aceitação social.

Após participarem das oficinas, as gestoras das Escolas Félix Araújo, CEAI e Gustavo Adolfo Cândido solicitaram da coordenadora do projeto uma orientação para a implementação do cinema em suas respectivas escolas. As gestoras queriam, através do projeto, sensibilizar as professoras que não participaram das oficinas a trabalharem o cinema como um grande e importante recurso pedagógico. O CEAI já possui um projeto do cineclube, mas, não está concluído. Foi elaborado pelas estagiárias da UEPB, e que ainda precisa ser aperfeiçoado e implementado. No momento, a gestora está sendo assessorada por uma monitora do projeto para implementá-lo com o objetivo de trabalhar com os ciclos I e II, nos turnos da manhã e da tarde.

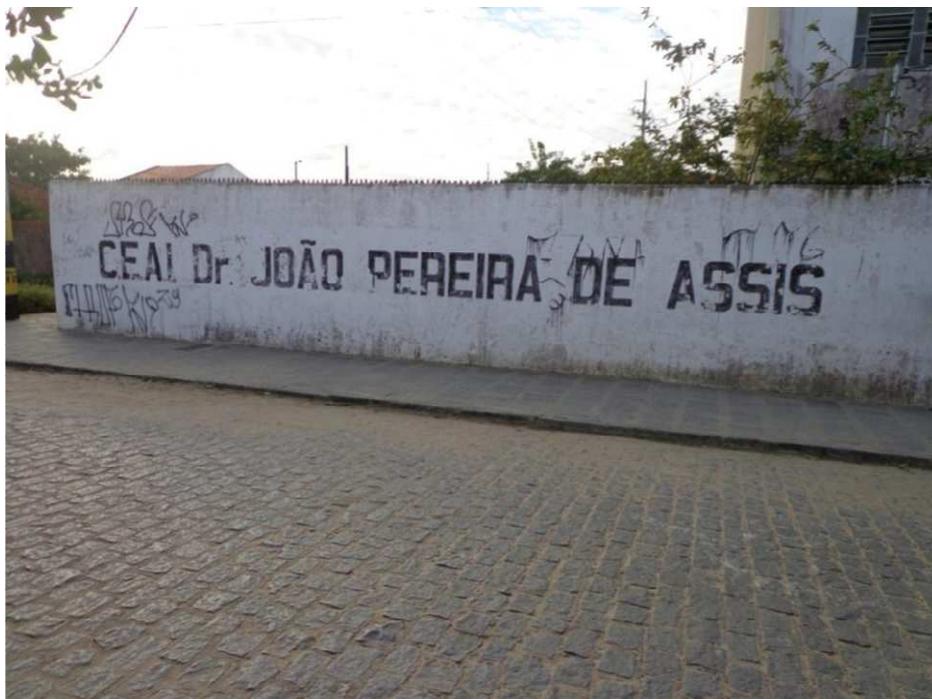
O Colégio Félix Araújo tem a mesma pretensão: implementar o cinema em sua escola. A gestora deixou claro que pretende sensibilizar todas as professoras para o uso didático do filme em todos os ciclos. Pretende fazer uma parceria do programa “Mais educação” com o cinema. Tal postura é consoante com a visão de Ghedin e Franco (2008), para quem, a partir do momento em que se deixa de limitar a realidade com preconceitos e racionalizações, passando a assumir uma razão mais aberta às emoções e ao desconhecido, torna-se possível transformar essa mesma realidade. Portanto, no contexto atual da educação, os professores devem de fato propor uma educação crítica, reflexiva e emancipatória.

Nesse sentido, o cinema está ressurgindo tardiamente como um recurso que poderá fazer essa transformação. Apesar de ter uma linguagem centenária, está sendo visto como uma proposta para a educação apenas um século depois do seu surgimento. Atualmente, a relação cinema-educação encontra-se em destaque, pois muitos acadêmicos e profissionais de ensino já vêm utilizando esse recurso para efetivarem seus trabalhos em salas de aula. Essas oficinas foram um suporte para a compreensão e formação tanto das monitoras como da professora (sujeito participante). Assim, ressaltamos que, após ministradas as oficinas, fomos a campo com o objetivo de assessorar as professoras que participaram, ajudando-as a implementar o cinema em suas salas de aula.³

³ Em um primeiro momento, fomos ao CEAI (Dr. João Pereira de Assis) para uma reunião com as professoras, mas estas já estavam em reunião de planejamento e não demonstraram nenhum interesse no projeto (cinema em sala de aula). Na fala de uma professora: “Deixa ver se eu entendi, vamos tirar os alunos das salas para passar o tempo vendo filmes”. Estas palavras causaram um mal-estar.

Figura 5: Fachada da Escola (CEAI).

Fonte: Pesquisa de campo/ 2014



A professora M. A., que participou de todas as oficinas, estava presente na reunião e, como já havia se inteirado do conteúdo, mostrou interesse em continuar aplicando o que aprendeu durante as oficinas, dando sua contribuição, o que foi positivo naquele momento. Todavia, saímos da reunião com a dúvida de que talvez não fosse possível trabalhar o cinema naquela instituição — dúvida essa que se dissipou tão logo a coordenadora do projeto se reuniu com a diretora, que afirmou apoiá-la, não somente implementando o cineclube em sua escola, mas também permitindo que a professora M. A., que participou das oficinas, fosse assessorada por suas monitoras.⁴

⁴ Ressalte-se que as monitoras ficaram em escolas diferentes: Félix Araújo, Gustavo Adolfo Cândido e CEAI (Dr. João Pereira de Assis).

Figura 6: Fachada da Escola (CEAI).

Fonte: Pesquisa de campo/ 2014



Uma vez que toda pesquisa tem um lócus definido, ficamos à disposição do CEAI para assessorar e contribuir com a professora do 3º ano (turno da tarde) no que fosse preciso para elaborar a sua oficina e trabalhar o uso das imagens com seus alunos. A turma tem 23 alunos, todos moradores do Bairro Nossa Senhora Aparecida, nas proximidades da escola. São alunos de classe baixa, alguns vivem da Bolsa Família.

No primeiro dia de assessoria, pudemos notar uma mudança no comportamento da professora. Durante as oficinas, ela agia como aluna e brincava com outras professoras, ou seja, estava um pouco descontraída; já em sala de aula, adotava outra postura, a de educadora. Suas atitudes, gestos e a maneira de expressar-se condiziam com o momento e com o local. Agia com segurança e confiança. Isso remete à perspectiva de Bourdieu, de que o

indivíduo é um ator socialmente configurado em seus mínimos detalhes. Os gostos mais íntimos, as preferências, as aptidões, as posturas corporais, a entonação de voz, as aspirações relativas ao futuro profissional, tudo seria socialmente construído. [...] A partir de sua formação inicial em um ambiente social e familiar que corresponde a uma posição específica na estrutura social, os indivíduos incorporariam um conjunto de disposições para a ação típica dessa posição (um *habitus* familiar ou de classe) e que passaria a conduzi-los ao longo do tempo e nos mais variados ambientes de ação (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2002, p. 19-20, grifo dos autores).

Para Bourdieu, os sujeitos constroem suas identidades a partir da convivência. Há uma relação entre sujeito e sociedade, na qual os indivíduos se predispõem a fazer suas escolhas, sendo tais escolhas incorporadas pelos sujeitos sociais durante seu processo de socialização.

Para conduzir a proposta de aula da professora M. A., o tema transversal escolhido de acordo com a Secretária de Educação do Município de Campina Grande foi “Meio ambiente e saúde”. O filme selecionado para trabalhar essa temática foi o já citado *Wall-E*. Passo a passo, a oficina foi sendo elaborada, sendo fundamental para sua realização a dinâmica e o domínio de classe por parte da educadora.

O tema transversal “Meio ambiente e saúde”, tal como proposto pelo *PCN*, e o filme supracitado foram a base teórica dessa oficina, que visava principalmente trabalhar com os alunos o problema do lixo — “Como reutilizar, reciclar e reaproveitar” —, conscientizando-os acerca da importância do “cuidar” do meio ambiente para melhorar a qualidade de vida.

Nesse sentido, os conteúdos apresentados foram coerentes com o planejamento de aula da professora, a saber: “Trabalhar a coleta seletiva: como reduzir a quantidade de lixo? Economizar as folhas de cadernos; reduzir as sacolas plásticas; não desperdiçar a merenda escolar; não jogar lixo no chão”. Segundo a professora, o objetivo dessa aula era fazer com que os alunos conhecessem e compreendessem, de modo integrado e sistêmico, as noções básicas relacionadas ao meio ambiente, adotando posturas na escola, em casa e em sua comunidade que os levassem a interações construtivas, justas e ambientalmente sustentáveis, além de compreenderem a necessidade de dominar alguns procedimentos de conservação e manejo dos recursos naturais com os quais interagem, aplicando-os no dia a dia.

Refletindo acerca do ensino nos dias atuais, a professora propôs um trabalho que contribuísse para os alunos se identificarem como parte integrante da natureza e se sentirem ligados a ela; para que percebessem, apreciassem e valorizassem a diversidade natural e sociocultural, adotando posturas de respeito aos diferentes aspectos e formas do patrimônio natural, étnico e cultural.

A imagem abaixo (foto7) representa o segundo momento da pesquisa. Quando a professora foi assessorada na construção de sua oficina aula.

Figura 7: Assessorando a professora na realização da sua oficina-aula. Tema: “Meio ambiente e saúde”.

Fonte: Pesquisa de campo/ 2014



A oficina teve início com alguns questionamentos: O que é reciclar? Como cuidar do meio ambiente? O que é lixo? Qual a importância de reutilizar, reaproveitar e reciclar? Como reutilizar? E como reaproveitar? Essas indagações tinham o propósito de instigar os alunos a participarem da aula, tornando-se sujeitos ativos.

Durante a apresentação dos slides, algumas cenas do filme seriam apresentadas aos alunos como forma de familiarizá-los com a imagem, dando sequência a proposta de ensino. Em seguida, seriam questionados também sobre o filme, o que entenderam e a relação da imagem com a aula. Após os questionamentos, era o momento de selecionar os conteúdos de acordo com a necessidade e a compreensão de todos.

Algumas atividades objetivas e subjetivas concluíram a oficina. Houve a proposta para a realização de trabalhos com sucatas, nos quais cada aluno teria que trazer de casa materiais recicláveis, como: latas, garrafas de plásticos etc.

Durante o período de assessoria na sala de aula, a professora mostrou interesse em continuar usando filmes como um recurso didático. Na sua concepção, o cinema vai contribuir para a compreensão dos conteúdos, uma vez que a forma como este aborda os temas facilitará a compreensão por parte dos alunos. Com a implementação do cineclube na escola, acredita

que possibilitará o acesso à imagem, visto que a estrutura da escola hoje não favorece o trabalho para o uso do cinema, levando-se em conta que há uma dificuldade em encontrar o filme e o material adequado.

A imagem abaixo (foto 8) mostra a professora explicando o conteúdo da aula, antes da exibição do filme que é uma metodologia do projeto.

Figura 8: Professora explicando o conteúdo, antes de exibir o filme.

Fonte: Pesquisa de campo/ 2014



Em síntese, a proposta trabalhada pela professora (tema transversal: “Meio ambiente e saúde”) através do cinema envolveu todos os alunos, de modo que há uma nova perspectiva de mudança no contexto da educação. Os alunos se inteiraram dos assuntos, e somente uma aluna se dispersou na hora da aula. Desse ponto de vista, foi favorável, tendo em vista que a turma tem 23 (vinte e três) alunos. É sabido que nenhum professor consegue atingir cem por cento dos alunos, o cinema consegue atingir mais alunos. Talvez o filme não tenha lhe despertado o interesse, pois já é uma pré-adolescente e nesta fase, segundo Napolitano (2013), as meninas preferem filmes românticos, diferente dos outros alunos que estão na fase final da infância, e que tudo era novidade todos se envolveram com a aula, participando e ao mesmo tempo atento às questões propostas pela professora através do cinema.

Por fim, a partir dessa aula, a professora pretende promover a conscientização de uma atitude de colaboração para a conservação e melhora do meio ambiente. Pretendeu trabalhar o

uso das imagens no sentido de alfabetizá-los para o uso do cinema, bem como, através dessa aula, conscientizá-los da importância de preservar o meio ambiente, cuidando tanto da escola, como da comunidade em que vivem. Tudo, sempre visando torná-los críticos e conscientes, capazes de discernir o que é certo e errado.

Figura 9: Alunos na sala de aula, estudando o conteúdo antes da exibição do filme.

Fonte: Pesquisa de campo/ 2014



6 CAPÍTULO 5: PERCEPÇÕES E AVALIAÇÕES

Analisando todos os envolvidos neste processo de formação e de autoformação para o uso de imagens como recursos didáticos, inúmeras passagens poderiam ser retratadas, nas quais estas convergiram e divergiram durante o seu desenvolvimento. Todavia, o importante foi ressaltar que todas nós aprendemos com a experiência dessa pesquisa colaborativa. A professora M. A., que participou da capacitação para o uso didático de filmes na sala de aula através das oficinas e que posteriormente foi assessorada na construção de sua oficina-aula, reconheceu dentro dessa formação a importância social do cinema. Configurando uma nova concepção em relação às atividades programadas para os dias agendados.

Mesmo sem planejamento, afirmou ter recorrido ao cinema como um recurso didático-pedagógico de uma maneira simples, pois temia não saber manipular os equipamentos. No entanto, com todas as dificuldades, relatou ter conseguido integrar as temáticas trabalhadas aos conteúdos de diferentes disciplinas, apesar da dificuldade em localizar os filmes, o local apropriado para a exibição e a falta de prática em manusear os equipamentos. A professora M. A. destacou os filmes com os quais trabalhou: *Cinderela* (Direção: Clyde Geronimi; Wilfred Jackson; Hamilton Luske, 1950), *A princesa e o sapo* (Direção: Ron Clements; John Musker, 2009) e alguns filmes históricos. Em suas palavras: “Depois que passei pelo curso, melhorei a minha visão, sabendo que posso explorar mais o filme”. Com estas afirmações, a professora demonstrou que hoje avalia o cinema em sala de aula como uma proposta de mudança e interdisciplinaridade. Observamos que, mesmo com pouco conhecimento sobre o cinema na sala de aula, ela mostrou que, através dele, pode-se melhorar a educação, tendo em vista que o cinema reflete o cotidiano da escola, fonte de cultura e transformação.

Na opinião da professora M. A., a reativação da sala de vídeo (organização do acervo), para que este fique à disposição das professoras, e a melhoria do espaço facilitariam o uso do filme na escola. Assim, seria possível trabalhar de forma coletiva e democrática o uso dessas imagens, em consonância com o pensamento de Jesus (2010, p. 64) ao escrever:

Com o processo de apropriação, da linguagem e narrativas através da formação cineclubista e dos meios e tecnologias do fazer audiovisual, os participantes das oficinas se apropriam também da construção de sua própria subjetividade, através da invenção de si na produção e difusão de seus produtos audiovisuais transformando esse processo em construção de conhecimentos de si e do mundo.

É interessante notar que, na formação para o uso do cinema, todos os envolvidos se apropriam desse conhecimento e da sua subjetividade, ocorrendo assim uma interação e um

envolvimento em que os sujeitos aprendem. Apropriando-nos dessa subjetividade, durante o período em que estivemos envolvidas no projeto supracitado, observamos a escola como um todo. Gestora, professoras e alunos divergiram quanto ao uso de filmes na educação. Na instituição aqui referida, apenas a gestora, a coordenadora e a professora M. A. demonstraram notável interesse, o que revela que o cinema ainda é visto de forma equivocada pela escola, ou seja, somente para lazer e diversão, pois, a relação da cultura cinematográfica com a cultura escolar é recente.

A gestora dessa instituição tem o perfil de uma educadora com intenções de inovar através do cineclube. Está sendo assessorada por uma monitora, implementando-o com o objetivo de trazer a comunidade para dentro da escola. Em todos os momentos, foi receptiva, demonstrando confiança no projeto. A professora M. A., uma profissional envolvida com a educação de seus alunos, preparou o projeto cinema-aula com nossa colaboração e frequentou todas as oficinas com o intuito de melhorar sua proposta de aula, configurando uma nova concepção, desta forma, questionadora e com ideias inovadoras.

Os alunos, protagonistas desta história, são pessoas em fase de formação, e sua videofilia pode ser constatada na quantidade de filmes a que assistem e com que frequência o fazem, bem como o empenho que demonstram para acompanhar com atenção cada filme. No entanto, o cinema não pode servir apenas como uma fonte de lazer, tendo sim que ser visto como uma proposta de mudança para a educação. Esperamos que, a partir de sua formação através do projeto de extensão e assessoria, a professora faça a diferença com esses alunos, propondo aulas diversificadas, sem deixar de levar em conta o cotidiano e os conhecimentos prévios de cada um deles.

“À luz das novas teorias interacionistas, o cinema e os meios em geral constituem campos de interação simbólica, em que os sujeitos constroem e compartilham significados”, (RIVOLTELLA, 2005, p. 75). Pois é através do cinema que as pessoas compartilham dos mesmos objetos, dos mesmos sonhos. A significação de filmes se dá de forma coletiva, e seus efeitos só podem ser percebidos quando os revemos diversas vezes, a partir das reflexões com outras pessoas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa surgiu a partir da participação como monitora no Projeto de Extensão “O cinema na sala de aula: assessoria e capacitação para o uso didático pedagógico de filmes nas escolas públicas do ensino fundamental de Campina Grande-PB”, que foi desenvolvido no formato de oficinas, tendo um caráter formativo e autoformativo. Nesse sentido, foram a experiência e a formação os fatores motivadores para realizar o relato etnográfico, que teve como recurso a extensão e, como método, o relato de experiência. O trabalho contribuiu na formação continuada das professoras da rede municipal de Campina Grande, para o uso da imagem como recurso pedagógico, assim como na formação das monitoras que assumiram a posição de pesquisadoras, adotando uma postura mediadora entre o cinema e as professoras da rede pública de ensino, mostrando que educar para a imagem significa entender o cinema como objeto de intervenção educativa na escola.

Durante a realização desta monografia, percebemos fatores que interferiram na relação do cinema com a escola, por exemplo: local apropriado; a formação da professora em relação aos recursos tecnológicos; a falta de interesse de outras pelo uso do cinema na sala de aula e a dificuldade em trabalhar com os filmes de forma didática. Todavia, acreditamos que, mesmo com todos os obstáculos, pôde-se apresentar novas possibilidades para a utilização do cinema como alternativa de mudança no contexto educacional da instituição aqui referida, tendo em vista o trabalho desenvolvido juntamente com a professora do 3º ano, que constituiu alguns passos importantes na construção de uma forma dinâmica e interdisciplinar de ensinar.

Nesta perspectiva, momentos de avanços e recuos pontuaram a pesquisa. Avançamos quando nos aproximamos (pesquisador e pesquisado) e conseguimos, a partir de uma parceria colaborativa, levar o cinema para a escola, assessorando a professora para que pudesse fazer parte do currículo escolar da referida instituição (utilizado em sala de aula). Tivemos de recuar quando não fomos aceitas pelas outras docentes, quando não fomos ouvidas, obtendo suporte para lidar com alguns imprevistos e impossibilidades.

Considerou-se deste modo a constituição dos participantes nas etapas relatadas em personagens/protagonistas, pesquisador/pesquisado, com experiências que trazem em comum a implantação de atividades de formação audiovisual, sendo fundamental uma mobilização social na organização do público e na construção de narrativas que incluam e respeitem a diversidade cultural, desconstruindo as visões culturais que nos tem sido impostas há décadas.

Com base no exposto, esse trabalho promoveu a formação contínua e a emancipação dos sujeitos da prática (monitora e professora), na qual foi considerada a dinâmica em que se foi construindo a identidade do sujeito, ou seja, ela envolveu uma pesquisa de transformação participativa, caminhando para processos formativos. Fundamentou-se na observação e na ação, em que os envolvidos desempenharam um papel ativo. Tanto o sujeito quanto o participante conseguiram se engajar nessa proposta. Portanto, neste projeto, tanto de pesquisa como de formação, pôde ser considerado a dinâmica em que se foi construindo a identidade de cada sujeito envolvido, diagnosticando que a construção deste TCC possibilitou também um olhar sobre a inserção das imagens no currículo escolar, motivando todos a aprofundar os conhecimentos acerca dessa ferramenta.

Refletindo através da pesquisa realizada e do conhecimento adquirido (proporcionado pelas leituras sobre o uso das imagens), durante o processo de elaboração do TCC, pode-se perceber que esta temática ainda é pouco discutida nas escolas, embora o currículo proponha uma educação multicultural e interdisciplinar.

Evidencia-se, por fim, neste relato etnográfico, que a educação para o cinema e o aprendizado são processos que, embora tenham caminhado em sentidos opostos, devem permanecer ativos em cada sujeito, proporcionando aos envolvidos novas possibilidades de conhecimento.

A professora M.A. sujeito pesquisado, durante todo o período em que foi observada, mostrou interesse em trabalhar com o cinema em sala de aula, mesmo com todas as dificuldades encontradas tais como: lugar apropriado e falta de recursos. Desde o período das oficinas até o momento em que foi assessorada em sua sala de aula, a mesma foi participativa e confiante na proposta para o uso de filmes como recursos didáticos. Conseguiu elaborar sua oficina aula com base na leitura dos PCNs e do filme WALL-E inserindo assim, o cinema no contexto de suas aulas, ampliando sua visão com relação ao seu uso na educação e modificando a videofilia de seus alunos. De espectadora a mediadora, conseguiu levar ao cotidiano escolar (sua sala de aula) o cinema, e fez dele um instrumento essencial para suas aulas, evidenciando que se aprende também brincando.

Acreditamos que, considerando a importância de redimensionar o caráter instrumental do cinema, seu uso tem como objetivo a experiência estética e expressiva da sensibilidade, do conhecimento e das múltiplas linguagens humanas, podendo, assim, inspirar outras práticas escolares. Cabe ao professor intervir quando for necessário, porque o filme, num contexto formativo, será mediado por fatores diferentes dos que intervêm em contextos mais informais. Por esta razão, é importante ter em mente as transformações que operam na passagem da

fruição lúdica evasiva à educativa, pois a experiência estética possui um importante papel na construção de significados que o filme propicia, e os diferentes modos de assistir fazem com que estes atuem de diferentes formas, dependendo do contexto em que estão inseridos.

REFERÊNCIAS

- ALVES, N. (Org.). **A Leitura de imagens na pesquisa social**. História, comunicação e educação. São Paulo: Cortez, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. **A reprodução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.
- CANDAU, V. M. Direitos Humanos, educação e interculturalidade: As tensões entre igualdade e diferença. **Revista Brasileira de Educação**, [s.l.], v. 13, n. 37, p. 45-55, jan./abr. 2008.
- CARBONARI, Maria Elisa E. **A Extensão Universitária no Brasil: do assistencialismo à sustentabilidade**. Campinas: Unicamp, 2011.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**: Belo Horizonte, Autêntica, 2002.
- DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**: 3ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV, **Educação e Pesquisa**: revista da Faculdade de Educação da USP. Universidade de São Paulo. São Paulo, v. 28, n. 1, p.151-162, 2002.
- FRANCO, Maria Amélia S. Pedagogia da pesquisa-ação. **Educação e pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 483-502, set./dez. 2005.
- GALLO, Silvio. Transversalidade e educação: pensando uma educação não disciplinar. In: ALVES, Nilda; GARCIA, Regina Leite (Org.). **O sentido da escola**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000, p. 17-41.
- GHEDIN, Evandro; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Questões de método na construção da pesquisa em educação**. São Paulo: Cortez, 2008.
- HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação e Realidade**, [s.l.], v. 22, n. 2, p. 15-46, jul./dez 1997.
- JESUS, Antonio Claudio de; SÁ, Sáschia. O audiovisual e o público na educação cineclubismo, cinema e comunidade. **Cineclube, cinema & educação**. Londrina: Práxis, 2010, p. 59-71.
- KEMMIS, Stephen; WILKINSON, Mervyn. A pesquisa-ação p: Participativa e o estudo da prática. In: PEREIRA, Júlio Emílio Diniz; ZEICHNER, Kenneth M. (Org.). **A pesquisa na formação e no trabalho docente**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002, p. 43-66.
- MACHADO, Andréa Carla. **A televisão levada a sério**. São Paulo: SENAC, 2000.
- MATTOS, Carmem Lúcia Guimarães; CASTRO, Paula Almeida. **Etnografia e educação: conceitos e usos**. Campina Grande: EDUEPB, 2011.

NAPOLITANO, Marcos. O cinema e a escola. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003, p. 11-56.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 2009.

NAPOLITANO, Marcos. **Como usar o cinema na sala de aula**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

NOGUEIRA, Cláudio Marques M.; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições, **Educação & sociedade**, ano XXIII, n. 78, p. 15-36, abril/2002.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. **L'audiovisivo e la formazione: metodi per l'analisi**. Padova: Cedam, 2005.

SANTOS, Telma Aparecida da S. As relações de poder nas instituições escolares: pressupostos teóricos convergentes em Max Weber e Pierre Bourdieu. **Tear: revista de educação ciência e tecnologia**, Canoas, v. 3, n. 1, p. 1-12, 2014.

THIOLLENT, Michel. Estratégia do conhecimento. **Metodologia da pesquisa-ação**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 1996, p. 13-46.

VANOYE, Francis; GOLLIOT-LÉTÉ, Anne. Reflexões preliminares. **Ensaio sobre a análise fílmica**. 6. ed. São Paulo: Papyrus, 2009, p. 23-67.

WALLON, H. **A evolução psicológica da criança**. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1995.

VIANA, H. M. **Pesquisa em educação**. A observação. Brasília: Liberlivro, 2007.